

ANTES QUE O MUNDO ACABE

um filme da

CASA DE CINEMA DE PORTO ALEGRE



roteiro de

ANALUIZA AZEVEDO, GIBA ASSIS BRASIL,
JORGE FURTADO e PAULO HALM

imprensa oficial

COLEÇÃO APLAUSO CINEMA BRASIL

Antes que o Mundo Acabe

Antes que o Mundo Acabe

Roteiro de Ana Luiza Azevedo,
Giba Assis Brasil, Jorge Furtado e Paulo Halm

um filme da Casa de Cinema de Porto Alegre

uma adaptação do romance homônimo de
Marcelo Carneiro da Cunha

imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensaoficial Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se reconstitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquéres

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Apresentação

Uma das questões que atravessou o século 20 foi a comparação entre livros e filmes, ou a reflexão sobre o que acontecia quando livros eram adaptados para cinema, uma vez que, desde que o cinema começou a narrar, ele sempre foi buscar a sua ficção em livros.

Pensando apenas um pouquinho no assunto, buscar ficção em livros faz tanto sentido quanto um vampiro buscar sangue em pescoços. Em ambos os casos, você sabe, todo mundo sabe, que o que você busca está lá. A humanidade sempre exercitou a sua busca ficcional através de livros, a cultura literária é vasta, consolidada, e custa muito pouco produzir.

Portanto, nada mais natural para o cinema do que buscar a ficção onde ela já estava, antes de ele encontrar as suas próprias formas de contar histórias criadas por ele, ou para ele. A questão, como no caso do escultor que, olhando para um bloco de mármore, precisava ver o que havia ali de cavalo, e o que não era cavalo, para então remover a segunda parte e obter a primeira. O cinema precisava olhar para os livros e definir o que era literário e o que era ficção, remover a primeira parte, ficar com a segunda, e então

fazer dela um filme. Nada fácil, creio que concordamos todos, e os desastres se acumulam para demonstrar isso.

Eu nasci e cresci no século 20, lendo livros, indo ao cinema, me abastecendo de narrativa visual, e, como todos os escritores dessa era, vivo escutando que meus livros são filmes, construídos em cenas, visuais, mesmo que com letrinhas. Mas basta chegar perto do set de um filme para ver como esses dois mundos narrativos são diferentes, animais de espécies distintas, mesmo que compartilhando de 98% dos seus genes, algo como *Homo sapiens* e os dragões-de-comodo, mais ou menos.

12

E, curiosamente, dos meus livros, seguramente, o menos fílmico é justamente *Antes que o Mundo Acabe*. Ele é construído com fotografias e cartas, em boa parte do tempo, para começar o problema. Ele é feito de diálogos entre pessoas que não se conhecem, em mundos distantes no tempo e no espaço. Ele foi criado por encomenda da minha editora, que queria um livro *com fotos de culturas do mundo*. Era para ser um álbum de fotos, acabou um romance recheado com uma estrutura narrativa com uma forte tensão emocional, para ligar pontos tão distintos e não conectáveis, a priori. Como filmar uma coisa dessas? Foi o que me perguntei, quando Ana Luiza

Azevedo e Giba Assis Brasil me disseram que gostariam de fazer o filme. Mas, com Ana Luiza e Giba a gente não perde tempo debatendo o tema, a gente entrega o livro e aguarda o que vai acontecer, da mesma maneira que eu, volante de escassas habilidades, entregava a bola ao menor pretexto para o camisa 10 do time, na esperança de que algo saísse dali, com o dobro de chances do que nos pés de um número 5 com talentos de 2,5 – meu caso.

E os roteiristas que trabalharam para extrair a ficção e torná-la filme são, além de cineastas, ficcionistas. Tomaram a ficção existente e olharam para suas possibilidades de uma forma que eu nunca faria, e, nesse ponto, eu creio, está o ganho real de ter um livro adaptado, tanto para o autor quanto para o público: coisas presentes no livro, mas não exploradas, ou exploráveis nele, terão agora a sua chance de existir.

Isso e apenas isso já justifica a conversão de uma ficção em outra, e, nesse caso, o ganho foi enorme. Uma narradora inexistente no livro, duas mudanças essenciais a partir da trama original, e *voilà!*, temos uma história nova, refrescante, que se sustenta na ficção original e a estende para além dos limites impostos inicialmente pelo autor do livro – eu, nesse caso.

Sinto admiração como ficcionista, pelos resultados encontrados; inveja, como autor, por algumas das soluções que eu jamais pensei em explorar; prazer, como espectador, pelo filme que somente tive a oportunidade de assistir porque eles o fizeram.

Eu falo, e o digo acreditando no que falo, que trabalho para desfazer a linha que supostamente divide o que atrai do que é arte. Ao eleger contar uma história que tem como narrador um adolescente, estamos, acima de tudo, aceitando as limitações experienciais de uma pessoa que vivencia esse estágio da vida.

- 14 Demonstrar que essa escolha não implica perda alguma na dimensão real da humanidade dos personagens e da ficção é o desafio colocado. *Antes que o Mundo Acabe* – o filme –, prova, com sobra, a validade dessa busca, a viabilidade dos seus resultados, que se expressam, visual e simplesmente, em um grande, enorme, filme.

Marcelo Carneiro da Cunha

escritor e autor da novela

Antes que o Mundo Acabe

Que História Contar e como Contar?

O texto abaixo foi montado a partir de depoimentos gravados ou escritos pelos roteiristas para o material de divulgação do lançamento do filme, em março de 2010.

Giba Assis Brasil: Eu tinha o hábito de ler com meus filhos na cama. Pelo menos cinco dias por semana lia com eles. Um dos livros que li foi o *Antes que o Mundo Acabe*, do Marcelo. Lembro que, enquanto lia o livro, meus filhos se interessaram tanto que pensei – esta história dá um filme infantojuvenil muito legal.

Ana Luiza Azevedo: Duas questões te desafiam na hora de fazer um filme: que história contar e como contar. A história do *Antes que o Mundo Acabe* tinha elementos suficientemente desafiadores. Para começar, é um livro epistolar. E cartas não são nada cinematográficas. Como transformar cartas em audiovisual? Esse desafio me instigava. Ao mesmo tempo, o personagem faz seu rito de passagem através do olhar, das fotos, e esta é uma ideia bastante sedutora. O cinema levou muitas pessoas a fazer seu rito de passagem. Mas a foto também não é cinema! Foto é uma imagem parada. A passagem da imagem parada para a imagem em movimento

também era outra brincadeira que me agradava. E é o princípio do cinema.

16 **Giba:** O que nos interessou desde o início na história foi construir um personagem como esse menino, que está num momento de passagem e de descoberta da vida e do mundo. A relação dele com os amigos, com a namorada e com o pai que ele nunca conheceu. Esse pai fotógrafo, ligado à diversidade do mundo e das pessoas, à maneira como vivem, se vestem, lidam com a música e com o dia a dia, e o seu relacionamento familiar também nos atraiu muito. E o livro insiste muito nisso. Estamos nos tornando cada vez mais iguais. A diversidade está virando coisa de almanaque, deixando de ser real, concreta. Foi a partir daí que começamos a pensar em como poderia ser o *Antes que o Mundo Acabe* em outros sentidos. O mundo acaba quando tu rompes um relacionamento e a tua namorada não quer mais saber de ti, quando tu fazes tudo certo e tem alguém te acusando de ladrão, quando tu tens toda uma estrutura familiar e descobres um pai que não sabias que existia, quando passas uma vida inteira dentro de um colégio e aí termina aquele período e tens que encarar o mundo lá fora, sair da tua cidade sem saber o que vais encontrar. Tentamos juntar esses mundos todos que estão se acabando.

Jorge Furtado: Há diferenças entre roubar uma bala do supermercado, um computador da escola, dinheiro de uma bolsa ou ações da bolsa? Se o seu amigo não diz a verdade, ou mente, ou comete um crime, pode continuar sendo seu amigo? Se a garota que você ama não lhe ama, a vida continua? Se o seu pai não está bem certo se foi, é ou será bom ser seu pai, você ainda assim pode amá-lo?

Acho que uma boa história deve fazer perguntas, e *Antes que o Mundo Acabe* é uma boa história, que começou no livro do Marcelo e passou pelas mãos dos roteiristas a caminho do filme. Acredito, como o escritor Kurt Vonnegut, que uma história é uma máquina, que pode ser ajustada, melhorada, turbinada, mas seu combustível são as paixões humanas, nossos desejos e medos ancestrais. Sem eles a história não anda.

17

Da adaptação

Giba: Convidamos o Marcelo para participar da adaptação e ele disse que não queria pegar essa *encrenca* (risos). Ele achava que seria muito difícil adaptar o livro para o cinema. Ao mesmo tempo, ele ficou superinteressado em acompanhar o processo.

Ana: Na época que a gente conheceu o livro, surgiu um edital da Ancine para desenvolvimento de roteiro. Já fiz várias curtas, vários trabalhos para TV, me envolvi em todos os longas da Casa de Cinema, mas ainda não tinha dirigido um longa. Então resolvi pegar essa história e colocar no concurso da Ancine. Mas para inscrever o projeto eu precisava de uma primeira adaptação. Eu estava superenvolvida num outro trabalho e não teria tempo de fazer. Então convidei o Paulo Halm. Sempre gostei muito dos filmes dele e achava que tinha muito a ver com esta história. E ele topou.

18

Paulo Halm: Nossa perspectiva era adensar um pouco a história do Marcelo que, originariamente, era destinada ao público infantojuvenil. A Ana queria, com razão, fazer um filme que interessasse não apenas aos jovens com idade semelhante à dos personagens, mas também a um espectador mais velho. Afinal, a adolescência é uma experiência comum a todo mundo e todos nós passamos pelas agruras, aflições, surpresas, trapalhadas comuns a esse momento cronológico e hormonal das nossas vidas.

Num primeiro momento, adensamos tanto a história que o Daniel virou quase um pequeno Hamlet, cheio de angústias e problematizado. Quase um *emo*. Percebemos que estávamos

criando um monstrinho. Tudo bem. Os adolescentes têm essa coisa insuportável e enlouquecedora, típica de quem está passando por uma transformação e não consegue entender direito o que está acontecendo. Mas queríamos mostrar também o lado lúdico, alegre, sensual e libertador desse momento único e, ao mesmo tempo, universal de nossas vidas. Seguimos trabalhando, suavizando algumas coisas, aprimorando outras, humanizando o personagem, e também os seus amigos, de modo que fosse legal e chato, carinhoso e ríspido, corajoso e egoísta, esperto e babaca, um garoto capaz das piores mesquinhas e também um herói capaz de se sacrificar pelos demais. Em suma, fizemos do personagem algo mais ou menos parecido com um ser humano.

19

Ana: Uma das maiores mudanças do livro foi fazer a história se passar numa cidade do interior. Queríamos reforçar a ideia de um mundo que ia acabar. E os três personagens principais – Daniel, Mim e Lucas – estão vivendo um momento de escolhas: no final do ano vai acabar o colégio e eles vão ter que optar por ficar em Pedra Grande ou ir para Porto Alegre.

Giba: Aí tem um pouco de Fellini e de outros clássicos do cinema, em que moradores de uma cidade pequena ficam na iminência de sair e o

que acaba saindo é o que mais tinha medo de sair. Isso acontece em *Os Boas-Vidas*, em *A Última Sessão de Cinema*, no *Loucuras de Verão*, no *Stand by Me*. Com a história acontecendo em Porto Alegre não haveria tanta dimensão para isso.

Ana: Outra mudança bastante fundamental: tiramos a avó, que era o alívio cômico, e inventamos uma irmã. O livro é contado em primeira pessoa e transformamos em uma narrativa do ponto de vista da irmã. Além do alívio cômico, a gente faz com que a personagem que tem menos idade seja a única que tem um olhar crítico sobre a história.

20

Giba: Já vimos tantos filmes sobre adolescentes narrados por adolescentes ou por adultos que lembram como era ser adolescente e eu não lembrava de ter visto um filme adolescente narrado por uma criança, que olha a história como seu futuro.

Ana: Outra coisa que surgiu com a chegada da Maria Clara é a relação de irmãos, que é bárbara. Ao mesmo tempo de um amor quase incondicional, é também de um ódio incondicional. Achamos bacana desenvolver esse sentimento como um ponto de identificação com o público e com o qual queremos dialogar.

Um roteiro por oito mãos

Giba: Primeiro o Paulo Halm trabalhou sozinho na adaptação. Num segundo momento, a Ana trabalhou com o Paulo. Depois, a Ana trabalhou sozinha. E, por fim, eu e o Jorge [Furtado] trabalhamos no roteiro com a Ana.

Ana: A adaptação do Paulo Halm foi o pontapé inicial. Um livro tem muitos personagens e muitas histórias que não cabem em uma hora e meia. Tu tens que eleger qual é a linha narrativa e o que realmente te interessa naquela história para, então, decidir que filme tu queres fazer. Acho que esse é o trabalho mais difícil: eleger o que tu queres contar. Quando chegamos na história a ser contada, surgiu mais um desafio, que era transformá-la no filme que eu queria fazer. Eu não pretendia ser uma das roteiristas, mas eu sou a diretora e o filme teria que ser aquele que eu queria fazer (risos).

Então, trabalhamos um bom tempo juntos. Depois eu trabalhei sozinha, mas ainda não estava satisfeita com o resultado. A partir de várias leituras críticas com meus companheiros da Casa de Cinema (Giba, Gerbase, Jorge, Luli e Nora), eu, o Giba e o Jorge retrabalhamos o roteiro, repensando a estrutura, os momentos onde a narrativa parava, a trama do roubo que

estava pouco convincente, e cuidando de cada detalhe, cada frase. Um bom filme se constrói nos detalhes. A participação do Giba e do Jorge foi fundamental para o filme ser o que é. Foi um longo trabalho, mas acho que não tem outra forma de ser.

Giba: Foram muitas versões. Mas hoje em dia com os processadores de texto a gente perde o controle de quantas versões fez. E a Ana tem um jeito meio nervoso (risos) de numerar isso. Se ela muda uma cena, já é uma nova versão do roteiro. Eu faço diferente. Eu considero uma nova versão quando tem uma revisão inteira do início ao fim. Acho que no computador temos mais de 30 versões. Mas com mudanças completas e mais radicais, deve ter umas dez.

Ana: O filme participou, também, da oficina de roteiro do Sesc/2006, no Rio. Cada roteiro é analisado por vários consultores. É a chance de ter um olhar de pessoas especializadas, que não sabem nada do livro nem do roteiro. *Antes que o Mundo Acabe* teve a consultoria de Bráulio Mantovani, Carolina Kotscho, Anne-Louise Trividy e Michel Fessler. Um luxo.

Antes que o Mundo Acabe

CENA 1 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/DIA
Seis ursos negros passeiam numa floresta tropical. Um urso desaparece entre as árvores. Outro urso some, e mais um, até que todos os ursos negros so- mem. São imagens de uma televisão de brinquedo feita com uma caixa de papelão, fotos e desenhos, recortados e colados em papel transparente num rolo, tendo ao fundo outro rolo com o cenário.

MARIA CLARA (V.S.)

Os ursos negros estão desaparecendo. Eles vivem na Tailândia e estão desaparecendo porque as pessoas usam a bexiga deles pra fazer remédio. A Tailândia é um país da Ásia, quase ninguém conhecia até acontecer a tsunami. Lá tem outros bichos interessantes, como os elefantes que fazem cocô no vaso. O cocô do elefante é muito grande e, como na Tailândia tem muito turista, os guias ensinaram os elefantes a usarem o vaso. Eles aprenderam direitinho e até puxam a descarga com a tromba. Como que um elefante aprende a dar descarga e o meu irmão, que é um animal racional da espécie dos *Homo sapiens*, não aprende?

As últimas imagens do brinquedo são fotos recordadas de pessoas e paisagens do sudeste asiático.

CENA 2 – CABANA – INT/DIA

Fotos de populações do sudeste asiático dispostas sobre um pano colorido com textura de artesanato asiático. Ruído de uma máquina de escrever. Sobre as fotos surgem os créditos.

Mãos datilografando em uma velha máquina de escrever portátil. Fragmentos das palavras que vão sendo impressas no papel.

Outras fotos de populações asiáticas. Ruído de máquina para. Ruído de papel sendo tirado da máquina.

24 Mão de homem recolhe as fotos que estavam sobre o pano estendido. A mão junta as fotos com a carta datilografada, coloca tudo em um envelope colorido.

Mão de homem fecha o envelope, cola um adesivo do projeto *ANTES QUE O MUNDO ACABE* e escreve o nome e endereço do destinatário:

Daniel Vaz

Rua das Camélias, 312

Pedra Grande, Brasil

CENA 3 – RUAS DE PEDRA GRANDE – EXT/DIA

DANIEL, 14 anos, numa bicicleta nova, pedala em grande velocidade por uma rua larga, com canteiro no meio, quase sem movimento. Em volta, um casario de cidade pequena.



Daniel / Pedro Tergolina

MIM (F.Q.)

Daniel, esperaaaa.

Daniel é seguido por MIM, 14 anos, de bermuda e um casaquinho *estiloso*, que sai do portão de sua casa montando numa bicicleta colorida, e por LUCAS, 15 anos, numa bicicleta velha. Daniel não diminui a velocidade.

DANIEL

Quem chegar por último é mulher do padre Eusébio.

Mim e Lucas aceleram, encostam em Daniel.

26

CENA 4 – ESTRADA DE TERRA JUNTO À FLORESTA/BEIRA DE RIO – EXT/DIA

O envelope colorido no bagageiro de uma bicicleta, junto com outros pacotes.

Um homem de traços asiáticos e roupa de MONGE BUDISTA conduz a bicicleta, por uma estrada de terra, até a beira de um rio.

MARIA CLARA (V.S.)

Na Tailândia andam muito de bicicleta. O meu irmão não mora na Tailândia, mas também anda muito de bicicleta. Aliás, aqui em Pedra Grande, pequena cidade agrícola à beira do rio Caí, todo mundo anda muito de bicicleta, e isso bem antes da tsunami.

CENA 4A – ESTRADAS A CAMINHO DO RIO
(PONTO INTERMEDIÁRIO ENTRE O URBANO E O
RURAL) – SAO PEDRO DO SUL – EXT/DIA

Daniel, Mim e Lucas afastam-se. Seguem por uma grande ladeira, afastando-se da cidade. Passam por um homem que empurra uma bicicleta carregada de chapéus de palha.

CENA 4B – TAILÂNDIA/ESTRADA DE TERRA –
EXT/DIA

Monge de bicicleta segue por uma estradinha de terra. Camponeses colhem arroz no banhado. O envelope segue na bicicleta. A bicicleta se afasta.

27

CENA 4C – PONTE/PEDRA GRANDE – EXT/DIA

Mim, Daniel e Lucas, de bicicleta, cruzam uma ponte sobre o rio.

CENA 5 – ANCORADOURO DE MADEIRA – EXT/DIA

Monge alcança os pacotes e o envelope colorido para um BARQUEIRO, também de traços asiáticos, que acomoda a bagagem numa pequena embarcação.

CENA 6 – ESTRADA EM PEDRA GRANDE – EXT/DIA

Daniel, Mim e Lucas numa estradinha de terra que acompanha o rio.

CENA 7 – ANCORADOURO DE MADEIRA OU
BEIRA DE UMA LAGOA – EXT/DIA

O barco se afasta no rio.

Sobre as águas do rio continuam os CRÉDITOS.

CENA 8 – BEIRA DO RIO / CINAMOMOS – EXT/DIA

Um grande gramado acompanha as curvas do rio. Sobre o gramado, quatro velhos cinamomos. Uma taipa com uma trilha separa o gramado de uma estrada de terra.

No alto de uma das árvores, Daniel arranca cachos de bolinhas de cinamomo e joga-os para Lucas, que debulha os cachos sentado no gramado.

Um pouco afastada dos dois, Mim desenha um mapa sobre uma pedra na beira do Rio.

28

Mim olha para a outra margem do rio.

MIM

Pra que lado fica Viamão?

Lucas aponta para Viamão.

LUCAS

Pro mesmo lado de Porto Alegre, pra lá.

MIM

E Santa Maria?

LUCAS

(apontando) Mais pra oeste. Pra lá...

MIM

A vantagem de Santa Maria, segundo a minha mãe, é que lá eu posso morar com a minha vó e depois já fico pra faculdade.

LUCAS

Eu queria informática, mas aí tem que morar em Porto Alegre, pagar aluguel... A escola agrícola é... tipo uma fazenda. A gente fica morando lá a semana toda. E Viamão é perto. A inscrição começa na semana que vem. E é por ordem de chegada.

MIM

E tu vai querer chegar antes?

29

LUCAS

Não sei... Já imaginou eu tirando leite e plantando batata?

Daniel continua em cima da árvore colhendo bolinhas.

DANIEL

Plantando batata já, muitas vezes.

MIM

Eu queria ir pra Porto Alegre.

DANIEL

O Antônio acha que eu tenho que ir pra Porto Alegre. Minha mãe fica em pânico só de pensar.

MIM

Santa Maria fica mais longe ou mais perto que Porto Alegre?

LUCAS

Daqui, mais longe.

MIM

E Nova York...?

30 Daniel olha para longe.

DANIEL

Logo ali. Depois de Araricá, vem Parobé, Sapiranga, Campo Bom e Nova York. Dá pra enxergar daqui.

MIM

Dããã...

Daniel desce agilmente da árvore e se aproxima de Mim.

DANIEL

A gente podia alugar um apartamento e morar juntos em Porto Alegre, né, Mim?

Mim, com um gesto carinhoso, afasta Daniel e se aproxima de Lucas, que já separa as bolinhas em três montinhos.

MIM

Podia. Num apartamento de TRÊS quartos. E pelo menos dois banheiros, um só para mim.

Lucas sorri. Daniel se aproxima dos dois, pega seu monte de bolinhas e coloca no bolso.

LUCAS

Tem também o seminário, (tom) “uma escola boa e de graça”.

31

DANIEL

Os filhos da Dona Glória foram. O Guto vai virar padre, os outros já desistiram e tão procurando emprego em Porto Alegre.

LUCAS

Diz que tudo que é família tem que ter um padre e um veado.

DANIEL

Mas dá pra acumular.

Lucas desdenha a resposta de Daniel.

MIM

Já pensou se livrar do Padre Eusébio e pegar outros dez que nem ele?

DANIEL

(para Lucas) Quem sabe *tu vira* padre e volta pra ser diretor do Dom Bosco?

LUCAS

la ser divertido. (forçando a voz) “Padre Eusébio, o senhor, por favor, limpe os cocôs das cobaias...”

DANIEL

(no mesmo tom) “... e organize todas as substâncias químicas nos seus vidrinhos, uma a uma.”

MIM

O problema é ter que fazer voto de castidade.

DANIEL

Pra quem já viveu 15 anos sem fazer sexo, mais 60 não faz diferença, né, Lucas?

Neste momento, ouve-se um sino ao longe. Mim e Lucas pegam as bolinhas e começam a encher os bolsos. Daniel se afasta deles correndo.



*Mim / Bianca Menti, Daniel / Pedro Tergolina e
Lucas / Eduardo Cardoso*

DANIEL

O Seu Custódio não espera.

CENA 9 – CORREIOS – INT/DIA

Uma esteira com muitas cartas. O envelope colorido está entre as cartas.

CENA 10 – BEIRA DO RIO / PEDRA – EXT/DIA

Daniel, Mim e Lucas atravessam a ponte pênsil. Ao fundo, do outro lado do rio, estão as três bicicletas estacionadas.

MIM

Já pensou, morar em Porto Alegre? Um monte de cinema e shows pra ir, ninguém pra nos encher o saco.

LUCAS

Só quando eu puder trabalhar.

MIM

E quando é que tu pode?

LUCAS

A partir de maio do ano que vem.

DANIEL

Então, a tua mãe tem que te sustentar só dois meses.

LUCAS

A partir de maio eu POSSO trabalhar, não quer dizer que eu VÁ conseguir emprego.

Daniel sacode a ponte para que os outros se desequilibrem.

DANIEL

Claro que vai. Deve ser fácil arranjar um de... empacotador de supermercado.

LUCAS

E tu acha que eu vou conseguir pagar um aluguel, comida, ônibus, ir a shows e cinema com o salário de empacotador de supermercado? Acorda, Daniel!

35

Os três se escondem na margem do rio.

DANIEL

A gente pode alugar um apartamento de dois quartos pra ficar mais barato.

MIM

E tu fica no quarto de empregada.

DANIEL

Quem acertar menos fica com o quarto de empregada.

Som de motor de um barco ao longe. Na curva do rio, um pouco adiante, aparece o barco. Dentro dele, um barqueiro, SEU CUSTÓDIO, 60 anos, e 15 CRIANÇAS uniformizadas, todas com 8 a 10 anos.

Daniel, Mim e Lucas se aproximam da beira do rio, com as mãos cheias de bolinhas. Aguardam o barquinho se aproximar.

Quando o barco cruza próximo a eles, Daniel, Mim e Lucas começam a atirar as bolinhas na direção das crianças. De dentro do barco, as crianças reagem, também atirando bolinhas que mal chegam à margem. Daniel e Lucas acertam em várias. Mim apenas em duas. O barco se afasta.

36

DANIEL

Ehe! o quarto de empregada é da Mim.

Mim se atira na água, mergulha. Daniel a segue. Lucas atravessa a ponte e vai caminhando em direção às bicicletas.

LUCAS

Vou nessa!

MIM

(gritando para Lucas) A gente se vê na festa do Beto.

Daniel segura Mim ajudando-a a boiar em forma de estrela.

Lucas pega a bicicleta e vai se afastando, pedalando.

DANIEL

Eu não queria sair daqui.

MIM

Eu queria ir direto pra Nova York, ficar famosa e ganhar o Grammy.

DANIEL

Em que categoria?

MIM

Melhor intérprete de rock da América Latina, para começar.

DANIEL

Tu pode começar como melhor intérprete de rock de Santa Maria.

Mim joga água em Daniel, ele dá um caldo em Mim.

CENA 11 – RUAS DE PEDRA GRANDE/LOJA DE BICICLETAS – EXT/ENTARDECER

Lucas atravessa veloz as ruas da cidadezinha, cruzando com a bicicleta do BARÃO, o carteiro.

LUCAS

Quatro a um!

BARÃO

Não, três a zero.

Lucas para na loja de bicicletas. O carteiro segue pelas ruas da pequena cidade.

CENA 12 – RUA DE DANIEL – EXT/ENTARDECER

O carteiro, tocando a campainha de sua bicicleta, passa por uma madeireira, com muitas bicicletas estacionadas na frente.

38 ELAINE, 40 anos, está chegando a pé, com uma pasta na mão e compras penduradas no braço, em uma casa de estilo açoriano. Também há bicicletas estacionadas na frente da casa, e nas casas em volta.

O carteiro cruza para o outro lado da rua e se encontra com Elaine, exatamente quando ela está abrindo a porta para entrar em casa. O carteiro entrega a ela alguns envelopes pequenos e também o envelope grande e colorido que vimos antes.

ELAINE

Obrigada, Barão.

O carteiro segue, deixando cartas nas casas vizinhas. Elaine abre a porta enquanto olha as cartas. Examina o envelope colorido, estranha.

GLÓRIA (F.Q.)

Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo.

Elaine olha. A seu lado, aproximando-se está DONA GLÓRIA, 60 anos, trazendo na mão uma capelinha de madeira com porta de vidro e, dentro, uma Nossa Senhora de gesso. Glória tem que passar por cima de uma bicicleta mal estacionada, e reclama.

GLÓRIA

Não suporto mais estas bicicletas na minha calçada. Cada dia tem mais.

39

Dona Glória entrega a capelinha para Elaine, que, com as mãos cheias, se atrapalha toda para pegar.

GLÓRIA

Pode me devolver amanhã?

ELAINE

Claro.

GLÓRIA

É que eu tenho que passar pra Teresinha antes do Pentecostes, e a rua toda ainda...



Dona Glória / Irene Brietzke

Dona Glória continua falando, mas não conseguimos ouvir porque o apito da fábrica soa muito alto. Os portões se abrem e muitos funcionários saem, pegam suas bicicletas e vão embora. Elaine fica parada à porta, com a pasta, as cartas e a capelinha na mão, sem reagir ao que acontece à sua volta. Dona Glória volta para a casa ao lado, fazendo gestos, reclamando do barulho.

CENA 13 – BEIRA DO RIO/PEDRA – EXT/ENTARDECER

Daniel e Mim estão deitados na pedra, beijando-se, acariciando-se. De repente, Mim para, afasta-se dele, senta. Daniel fica surpreso.

DANIEL

O que foi?

MIM

Não adianta, Daniel. Tem alguma coisa errada com a gente. Ou comigo.

DANIEL

Peraí, Mim. De novo?

MIM

Não tá dando certo, Daniel. Acho que a gente precisa dar um tempo.

Silêncio. Daniel tenta abraçar Mim, novamente. Ela o rejeita, incomodada.

MIM

(já levantando) Ah, me deixa... tô falando sério.

DANIEL

Tá me dando o fora?

MIM

Tou. (tempo) Acho que tou.

Mim recolhe suas coisas, pega sua bicicleta e vai embora. Daniel fica sentado olhando Mim se afastar.

42 CENA 14 – CASA DE DANIEL/COZINHA – INT/
NOITE

ANTÔNIO, 50 anos, termina de colocar alguns sonhos para fritar. Elaine coloca o envelope colorido num balde de lixo seco.

ELAINE

Chegou agora.

Antônio pega o envelope e repete o mesmo movimento de Elaine na cena anterior: olha frente e verso. Antônio olha para Elaine. Elaine sai da cozinha. Antônio coloca o envelope no lixo. Pensa um pouco. Retira o envelope do lixo.

CENA 15 – RUAS DE PEDRA GRANDE – EXT/NOITE
Daniel atravessa as ruas desertas de Pedra Grande em sua bicicleta.

CENA 16A – PÁTIO – EXT/DIA

Através do visor de um brinquedo ótico (com o formato de uma pequena câmara), vemos uma imagem em looping:

Daniel com 5 anos, Elaine e Antônio posam como se fossem tirar uma foto. Daniel está montado em um triciclo, Elaine e Antônio agachados ao seu lado. Daniel pedala, aproximando-se da câmara. Elaine faz cara de pavor e tenta segurá-lo, Antônio se levanta, ficando cortado pelo joelho. A mesma cena se repete várias vezes, até o final do texto.

43

MARIA CLARA (V.S.)

Estes são o meu irmão Daniel, o meu pai Antônio e a minha mãe Elaine. O meu pai tá um pouquinho mais careca, mas continua bonitinho. A minha mãe continua esperando que o pior vai acontecer, mas hoje não usa roupas tão ridículas. O Daniel, não sei por que, apesar de não dar a descarga NUNCA, é o personagem principal desta história. Nós moramos em Pedra Grande, pequena cidade agrícola à beira do rio Caí, mas isto eu já disse.

CENA 16 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/NOITE
MARIA CLARA, 10 anos, faz de conta que filma com sua pequena câmara. Som de TV ligada. Antônio entra na sala com um prato de sonhos, pega o controle da TV, tira o som. Maria Clara, de pé no sofá, acompanha Antônio com a câmara. Sobre o sofá, muitos recortes, papéis, cola e muitos outros materiais escolares. Maria Clara pega um sonho enquanto filma. Elaine se aproxima do sofá, de roupão e secando o cabelo, pega o controle da televisão, liga o som.

ELAINE

44 Será que a senhorita poderia tirar alguma coisinha do sofá pra eu sentar?

Maria Clara, sem parar de filmar e comer ao mesmo tempo, empurra os papéis para o chão com o pé.

Elaine pega um sonho e come, deliciando-se.

ELAINE

Humm, que delícia.

O barulho da porta abrindo faz com que Maria Clara vire a câmara para a porta.

Daniel entra na casa, carregando a bicicleta. Encosta a bicicleta em um canto.

MARIA CLARA

Chegou o emburrado, segue para o quarto sem dar um oi e sem nem provar os deliciosos sonhos.

Neste momento, o telefone começa a tocar.

ELAINE

Sabe que horas são, Daniel?

Daniel ignora a mãe, passa pela sala e segue pelo corredor. Elaine atende o telefone.

ELAINE

Odeio ficar falando sozinha! (ao telefone) Alô?

45

CENA 17 – CASA DE DANIEL/CORREDOR E QUARTO – INT/NOITE

Daniel está chegando em seu quarto, colocando a mão no trinco para abrir a porta, quando ouve uma voz que vem da sala.

ELAINE (F.Q.)

Daniel, telefone!

DANIEL

Quem é?

ELAINE (F.Q.)

O Beto.

Daniel, decepcionado, abre a porta do quarto, olha pra dentro. Na penumbra, consegue ver o monitor de seu computador.

No protetor de tela, um enorme ícone de rosto triste.

DANIEL

Diz pra ele que eu não vou.

Daniel entra no quarto e fecha a porta.

CENA 18 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/NOITE

Na sala, Elaine continua ao telefone.

ELAINE

Ele diz que não vai, Beto.

46

Antônio larga os sonhos na mesa de centro e começa a arrumar a bagunça da sala. Tira o som da TV. Maria Clara para de filmar e senta.

ANTÔNIO

(em voz baixa, só para Maria Clara) Sabia que os adolescentes têm grande variação de humor por causa dos hormônios?

MARIA CLARA

É?

ELAINE

(ao telefone) É, acho que sim.

Antônio tenta dar uma ordem nos livros que estão em cima da mesa. Maria Clara pega, entre eles, um flip book. Finge que está mostrando para Antônio a animação para cochichar com ele. Na animação do flip book vemos um menino que, de santo, se transforma num monstro.

ELAINE

De novo, é.

Elaine segue ao telefone. Antônio continua arrumando a sala e prestando atenção nas confidências de Maria Clara.

MARIA CLARA

Tu acha que o Daniel tem variação de humor?

47

ANTÔNIO

Um pouco.

MARIA CLARA

Pra mim ele tá SEMPRE irritado.

ELAINE

Feliz aniversário, Beto. (...) Tchau.

Elaine bate o telefone e se aproxima do sofá.

ELAINE

Uh... Como fala este Beto...



Maria Clara / Carolina Guedes

Maria Clara pega mais um sonho e come.

MARIA CLARA

Eu acho que aqui em casa, a única adolescente é a mãe.

Maria Clara e Antônio trocam olhares cúmplices.

ELAINE

(para Antônio) Por mim, eu deixava esta carta no lixo.

ANTÔNIO

Deixa ele decidir.

49

Maria Clara pega sua câmara de brinquedo e aponta-a para a carta sobre a mesa, ao lado do sofá. Olha para a carta com o olho que está fora da câmara. Vira a carta para ver o remetente: DANIEL VAZ. Vira de novo para ver o destinatário: DANIEL VAZ. Volta a olhar o remetente: DANIEL VAZ.

CENA 19 – CASA DE DANIEL / QUARTO – INT/
NOITE

O quarto de Daniel: cama desarrumada, guarda-roupa entreaberto, bonés e tênis atirados num canto, pôsteres de futebol na parede, Daniel sentado diante do computador.

Daniel joga no computador. Um jogo de simulação de voo e obstáculos. Ponto de vista de um piloto na cabine de avião. No painel, indicadores de combustível, trajeto a ser percorrido (Ásia/Brasil), altitude, velocidade, etc... À frente, o mapa-múndi ficando mais próximo ou mais longe conforme o piloto manipula.

Quando passa pelo Iraque, o avião de Daniel tem que se defender de mísseis. Na África, tem que abastecer, mas uma manada de elefantes e/ou leões não deixa que ele pouse, etc... Quando não consegue ultrapassar o inimigo, aparece o aviso: "Game Over".

50

Enquanto joga, Daniel fala com Lucas pelo sistema de comunicação do próprio computador, com câmera e microfone.

CENA 20 – ESCOLA/LABORATÓRIO – INT/NOITE

Um laboratório de química e biologia muito bem equipado. Sobre uma bancada, num canto da grande sala, Lucas usa um laptop.

A partir deste momento, as cenas são montadas intercaladamente: imagens do jogo, Daniel no seu quarto, Lucas no laptop da escola.

DANIEL (JOGANDO)

Não consigo passar do Atlântico.

LUCAS

Tem que botar o avião sobre a pomba.

DANIEL

Avião sobre a pomba? Tu não vai no aniversário do Beto?

LUCAS

Ele não me convidou.

DANIEL

Que guri escroto!

LUCAS

E tu?

DANIEL (JOGANDO...)

Não tou a fim de ver a Mim. Peguei a pomba.

51

Lucas, no laptop, está justamente abrindo uma pasta com o nome "Mim". Dentro dela, um arquivo chamado "Beat Acelerado". Lucas olha para a tela com atenção.

DANIEL

(chamando a atenção) Lucas! Peguei a pomba, o que é que eu faço agora?

LUCAS

Agora tem que ir até uma ilha dos Açores. Depois, embarcar num dos navios.

Lucas copia o arquivo para uma outra pasta. Clica em cima dele. Ele abre: é um arquivo de som, com formato de onda. Lucas parece satisfeito com o que fez.

DANIEL

Morri de novo.

LUCAS

Vocês brigaram?

DANIEL

Estamos “dando um tempo”. Volto pra Ásia. Enchi.

52

LUCAS

... do jogo?

DANIEL

Não, da Mim. É muito quer não quer. Que que tu tá fazendo aí até essa hora?

Lucas executa outro comando, modificando visualmente a onda na tela do laptop.

LUCAS

Deveres de monitor, vantagens de monitor. E ela?

DANIEL

Sei lá. Consegui pegar o navio. Ops!

No jogo, o avião de Daniel quase pousa no navio, mas cai no oceano mais uma vez. GAME OVER. Lucas fecha e guarda o laptop no armário.

Daniel fecha o jogo e, no computador, surge o protetor de tela: semelhante ao ícone que apareceu antes, mas agora na forma de um rosto sorrindo.

Daniel dá uma volta rápida girando a cadeira. O ícone do rosto lhe sorri novamente.

Daniel, de súbito, levanta e sai do quarto.

CENA 21 – PORÃO/SINUCA – INT/NOITE

Festa. Música alta. Mim dança junto com outras cinco ou seis MENINAS, entre elas TINA, 14 anos. Os MENINOS dançam em outro grupo, próximo dali.

BETO, um guri grande e desajeitado demais para os seus 14 anos, se aproxima, dançando, soprando uma língua de sogra.

BETO

Olha aqui: não vai cantar pra gente, Mim?

MIM

(com cara de quem não ouviu) O quê?

BETO

(falando muito alto) Não vai cantar? Na festa? Uma canja?

Mim e Tina trocam um olhar de “que cara abobado”. Mim, divertida, fica bem próxima ao Beto e começa a dançar com ele.

MIM

O que tu quer que eu cante, Beto? O “parabéns a você”?

Beto ri exageradamente. Mim e Tina voltam a se olhar.

BETO

Olha aqui: eu sei por que o Daniel não veio.

54

MIM

(séria) Ah, é?

Beto se abaixa pra encostar seu rosto no da Mim.

BETO

É lógico. Porque ele sabia que tu ia ficar comigo na festa.

Mim não chega a levar a sério. Tina puxa Mim pelo braço.

TINA

Mim, tá na hora do “Senhor Wilson”.

As duas se afastam. Beto, com uma caneta-laser, desenha uma forma de coração na bunda da Mim.

BETO

Olha aqui: tu não sabe o que tá perdendo, hein?

Da porta de entrada, Daniel observa a cena. Mim vê Daniel, mas segue com Tina para o outro lado. Daniel vai embora.

CENA 22 – RUAS DA CIDADE – EXT/NOITE

Daniel pedala pela cidade vazia.

55

CENA 23 – CASA DE DANIEL/COZINHA – INT/DIA

Mesa do café da manhã colocada, o envelope colorido em cima. Elaine prepara um prato de granola. Antônio prepara uma torrada. Maria Clara já toma seu achocolatado com torrada. Daniel vem do banheiro com cara de sono. Senta à mesa. Silêncio.

MARIA CLARA

Oh, Daniel, tu viu que chegou uma carta de ti pra ti?

ELAINE

Maria Clara, por favor!

MARIA CLARA

Qual o problema? Só tou perguntando se...

ANTONIO

Maria Clara, "mais antes falar mais pouco". Termina de comer.

DANIEL

O que é que houve?

ELAINE

Nada, esquece.

MARIA CLARA

É, Daniel, esquece.

56

Daniel olha para Antônio, que lhe passa a torrada sem falar nada. Daniel olha para Elaine. Silêncio.

DANIEL

O que que eu fiz?

MARIA CLARA

Não te preocupa, monstro, desta vez tu não fez nada.

Elaine fuzila Maria Clara com o olhar. Antônio entrega o envelope colorido para Daniel.

ANTÔNIO

Chegou ontem pra ti.

Daniel observa o envelope, os selos estrangeiros, estranha o remetente: Daniel Vaz. O mesmo nome do destinatário: Daniel Vaz. Olha o endereço de envio: algum lugar na Tailândia. Olha para Elaine que come a sua granola sem o encarar. Olha novamente a frente e o verso. Empurra o envelope para Elaine.

DANIEL

Não é pra mim, deve ser algum engano.

MARIA CLARA

Não vai abrir?

57

DANIEL

Já falei que não é pra mim.

MARIA CLARA

Deixa eu abrir?

DANIEL

NÃÃO!...

Daniel pega o envelope, bruscamente, e o coloca no lixo. Pega a mochila, a bicicleta e sai. Maria Clara pega a torrada de Daniel e come. Antônio serve café para Elaine.



Antônio / Murilo Grossi

ANTÔNIO

Ele já tem 15 anos.

ELAINE

Pois é, já faz 15 anos.

Elaine segue tomando café em silêncio.

CENA 24 – RUA / CALÇADA DAS JANELAS – EXT
/ DIA

Daniel pedala ferozmente pela rua, passando
diante de uma fileira de janelas semelhantes.

SEU JOÃO, 60 anos, passa de bicicleta no senti-
do contrário. Uma oficina de bicicletas abre as
suas portas.

59

CENA 25 – RUA/LADEIRA CASAS BRANCAS – EXT
/ DIA

Daniel continua pedalando, agora mais deva-
gar. Numa casa branca de janelas verdes, um
HOMEM pinta a parede tentando esconder uma
pichação. Mais adiante uma SENHORA de 70
anos varre a calçada.

CENA 26 – RUA / CLUBE – EXT / DIA

Daniel para de pedalar, anda na catraca. Igreja
e colégio ao fundo.



Elaine / Janaína Kremer

CENA 27 – ENTRADA DA ESCOLA – EXT / DIA

Daniel chega na escola, para a bicicleta, desce, vê Mim encostada numa coluna, na entrada da escola, entre um bando de outros COLEGAS que vão chegando. Daniel dá as costas para ela, fica botando a tranca na sua bicicleta.

Daniel dá um tempo, respira fundo. Então se vira para onde Mim estava. Mas ela já foi.

CENA 28 – ESCOLA/LABORATÓRIO – INT/DIA

Isolado no canto do laboratório de química, Daniel observa Mim. Lucas e Mim fazem experiências com tubos de ensaio. IRMÃ MIRNA, a professora de química, em uniforme de freira, vai falando o tempo todo enquanto se movimenta entre os alunos.

61

IRMÃ MIRNA

... a gente pensa em produtos perigosos, que queimam, que fazem fumaça. Mas vocês tão vendo que nem sempre isso é verdade.

Mim, com o auxílio de uma pipeta, põe alguns líquidos nos tubos. Ela e Lucas observam o resultado. Lucas faz anotações no laptop. Daniel, do outro lado da bancada, observa.

Mim e Lucas, ao mesmo tempo que conversam, se divertem, riem.

IRMÃ MIRNA

Os ácidos têm sabor azedo e as bases são ads-trin-gen-tes, quer dizer, amarram a boca. Mas não é pra provar, não, que isso é ácido sulfúrico.

Entre Daniel e Mim, Beto se vira de repente, bate sem querer num tubo com uma gosma nojenta dentro, derramando tudo sobre o balcão. Os colegas em volta reagem discretamente ao acidente.

IRMÃ MIRNA

Mais adiante vocês vão ver que os ácidos estão muito presentes na vida de vocês, na comida, na bebida, nos remédios...

62

A campainha de final de período toca. Grande agitação na turma. Mim recolhe suas coisas. Beto coloca um polígrafo sobre a gosma. A professora de química recolhe seu material. Daniel, sem tirar os olhos de Mim, recolhe suas coisas apressadamente.

IRMÃ MIRNA

Por hoje, chega. Não esqueçam que na quarta-feira tem prova. É pouca coisa: ácidos, bases, aglutinogênios, ponto e vírgula e revolução francesa...

Alguns alunos reagem, sem achar muita graça. Beto, agora de propósito, derrama o resto do tubo sobre a mesa, coloca um vidro sobre a gosma e sai. Os demais alunos também estão saindo.

IRMÃ MIRNA

Lucas, não saia sem alimentar as cobaias, limpar tudo e organizar as substâncias químicas em seus respectivos vidros, uma a uma.

LUCAS

Sim, senhora.

63

Mim sai da sala apressadamente. Esquece o casaco no encosto da cadeira. A professora sai. Daniel sai. Lucas termina de fazer suas anotações e fecha o laptop.

CENA 29 – ESCOLA/ESCADA – INT/DIA

Mim está descendo a escada, apressada. Daniel tenta alcançá-la.

DANIEL

Mim...

Mim diminui seu passo. Para e dirige seu olhar a Daniel, que está alguns degraus acima.

DANIEL

(atrapalhado) Só queria saber... Quanto tempo é *um tempo*?!

Mim pensa um pouco.

MIM

Sei lá, Daniel. Um tempo... é um tempo. Não sei quanto tempo é, mas ainda não passou.

DANIEL

Vou contar até cem.

MIM

Conta até mil. Eu tenho que ir, tou atrasada.

64

Mim dá as costas para Daniel e se afasta, descendo outro lance da escada. Daniel observa Mim se afastando em direção à saída da escola. Alguém chega por trás e dá um tapinha consolador em suas costas.

É Beto, que se aproxima acompanhado por COLEGAS, um deles com uma bola na mão.

BETO

Azar o teu, Presunto. Não foi na festa, agora a Mim tá caidinha por mim.

DANIEL

É. Eu notei.

BETO

Vamos jogar bola? Conseguimos a quadra até às dez.

DANIEL

Não tou a fim.

OUTRO COLEGA

Qualé, Daniel? Vai ficar sofrendo por um rabo de saia?

BETO

Se bem que, por um rabinho como o da Mim, até que vale a pena...

65

Daniel encara Beto, entra no laboratório. Beto segue com os colegas.

CENA 30 – LABORATÓRIO – INT/DIA

Daniel abre a porta do laboratório, Lucas está ao telefone.

LUCAS

Já vi. (...) Pode deixar que eu levo.(...)
Tudo bem. (...) Eu também. (...) Outro.

Lucas desliga, continua a lavar pipetas e tubos de ensaio, guardar as soluções nos vidros e os

vidros nos armários da sala ao lado. Daniel tenta ajudar Lucas alcançando os vidros, Lucas nunca o encara.

DANIEL

Tu pode me ajudar no trabalho de química?

LUCAS

O que é que falta?

DANIEL

Tudo.

LUCAS

Tu pelo menos leu o capítulo?

66

Lucas começa a lavar a bancada com uma esponja. Uma gosma especialmente gosmenta parece resistir à limpeza, ele redobra o esforço.

DANIEL

Só metade, sobre os ácidos. Não consigo entender o que é mol.

LUCAS

É... não é mol.

DANIEL

Piada horrível. Por que a pressa?

LUCAS

Marquei de sair.

DANIEL

Um encontro?

LUCAS

É, mais ou menos.

Lucas continua limpando a gosma com pressa, sem olhar para Daniel, que o observa.

DANIEL

Que gosma nojenta é essa?

67

LUCAS

Carboximetil celulose de sódio.

DANIEL

O que é isso?

LUCAS

Uma gosma nojenta.

DANIEL

Vai lá que eu limpo isso.

LUCAS

Pode deixar. Eu limpo rapidinho.

DANIEL

Troco por uma ajuda no trabalho.

LUCAS

Não precisa. Eu estou terminando. Eu te ajudo no trabalho, sem troca. Pode ser amanhã? Hoje, não dá.

DANIEL

Pode.

Lucas termina de limpar a pequena mancha de gosma e descobre, por baixo do vidro, uma enorme mancha da mesma gosma nojenta. O vidro grudou na gosma que grudou na bancada.

68

DANIEL

Putz!

LUCAS

Que saco!

Lucas continua a limpar a gosma.

DANIEL

Vai, deixa que eu termino. É só limpar e guardar esses trecos?

LUCAS

E dar comida pras cobaias.

DANIEL

Cai fora, eu termino.

LUCAS

Tem certeza?

DANIEL

Tenho.

Lucas larga a esponja, vai até a mesa do professor, pega a mochila, tira o adaptador amarelo da tomada, coloca-o na mochila, pega a chave com o número da sala no chaveiro.

LUCAS

Quer ir a Porto Alegre no sábado?

69

DANIEL

Tu vai fazer o teste?

LUCAS

Vou.

DANIEL

Pode ser

Lucas vai até a porta, põe a chave na fechadura.

LUCAS

Depois tranca a porta e deixa a chave embaixo da samambaia do Dom Bosco. Amanhã eu chego cedo e pego a chave.

DANIEL

Pode deixar, não esqueço, vai tranquilo.

Lucas olha discretamente para Daniel. Daniel pega a esponja e começa a limpar a bancada. Lucas pega um casaco feminino no encosto da cadeira onde Mim estava sentada.

LUCAS

Valeu, Daniel.

Lucas sai, apressado. Daniel fica limpando a gosma da bancada.

Pequena passagem de tempo, Daniel segue a limpeza. Um pouco de gosma respinga em seu casaco. Daniel para, tira o casaco e o atira sobre a bancada onde estava o casaco de Mim.

Daniel recomeça a limpar. Para. Olha para a cadeira onde estava o casaco de Mim, e onde agora há apenas o seu próprio casaco.

Daniel pensa. Olha para o telefone. Olha para onde estava o casaco de Mim.

Daniel larga a esponja, vai até o telefone, tira o telefone do gancho e aperta a tecla *redial*. O telefone chama duas vezes e Mim atende.

CENA 31 – RODOVIÁRIA – EXT/DIA

Mim, de pé na frente do ônibus para Caxias. Atrás dela, uma MÃE se despede de seu FILHO na porta do ônibus. Mim olha para o celular, atende.

MIM

Lucas? Eu não tou acreditando!

CONT. 30 – LABORATÓRIO – INT/DIA

Daniel, parado ao lado do telefone, apenas es-cuta, sem reagir.

MIM (PELO ALTO-FALANTE DO TELEFONE)

Lucas, nós perdemos o direto!

Silêncio. Daniel continua estático.

MIM

(pelo alto-falante do telefone) Eu vou te matar, o das seis é pinga. (...) Lucas?
(tempo)

71

CONT. 31 – RODOVIÁRIA – EXT/DIA

Mim na estação, impaciente; enquanto fala ao telefone, caminha equilibrando-se no meio-fio.

MIM

Tu tá me ouvindo? Tá mudo pra mim.
(tempo) Alô? Lucaaaaaas?

Lucas se aproxima por trás dela.

LUCAS

Tô aqui!

Mim se vira, olha para o telefone, olha para Lucas.

LUCAS

Tá com as passagens?

Mim desliga o celular.

MIM

Tou.

Os dois entram rapidamente no ônibus.

CONT. 30 – LABORATÓRIO – INT/DIA

Daniel desliga, fica parado por um momento.

Daniel volta para a bancada, recomeça a limpar a gosma. Limpa cada vez mais vigorosamente, com força, com raiva, com fúria.

72 Num ataque, Daniel quebra os frascos do laboratório. Chuta o saco de ração para cobaias no chão. Dá um pontapé numa gaiola de cobaias, abrindo a porta. Chuta uma pilha de vidros que se quebram e se espalham pelo chão.

Daniel sai do laboratório apressado. Bate a porta. Pelo lado de dentro, o chaveiro com a imagem de Santo Antônio balança na chave.

CENA 32 – RUAS DA CIDADE – EXT/DIA

Daniel pedala, com muita raiva, pelas ruas da cidade.

CENA 33 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/DIA

Um boneco anda sem parar numa bicicleta num movimento repetitivo de um *praxinoscópio* (um

brinquedo óptico que, pela repetição de imagens levemente diferentes, cria a ideia de movimento).

MARIA CLARA (V.S.)

A China é o reino das bicicletas, mas tão montando uma fábrica de automóveis lá e os 500 milhões de bicicletas, pelo menos em sua maioria, vão desaparecer. A Holanda não tem fábrica de automóveis e de cada cinco habitantes, quatro andam de bicicleta.

CENA 34 – CASA DE DANIEL/VARANDA/COLA-
GEM DE CENAS COM PERSONAGENS DA CIDADE
– EXT/DIA

Maria Clara brinca com uma pequena bicicleta de boneca sobre a balaustrada da varanda de sua casa, enquanto observa o movimento na rua.

73

MARIA CLARA (V.S.)

Aqui em Pedra Grande também não tem fábrica de automóveis, e, dos 5 mil habitantes, 3 mil têm bicicleta. Bem dizer, todo mundo anda de bicicleta.

Dona Glória amarra três gaiolas de periquitos na bicicleta e sai calmamente para passear. Beto pedala em direção de Dona Glória e fica dando voltas perigosas em torno da bicicleta dela. Dona Glória fica nervosa.

MARIA CLARA (V.S.)

E, só pelo jeito de andar nela, dá pra saber quem é que tá vindo. A Dona Glória, nossa vizinha, anda lenta e cuidadosamente quando leva os periquitos pra pegar sol.

Seu João pedala rapidamente, chega em frente à madeireira, larga a bicicleta de qualquer jeito e entra correndo.

MARIA CLARA (V.S.)

Seu João está sempre atrasado.

74

CENA 34A – RUA DAS JANELAS – EXT/DIA

Daniel andando de bicicleta em momentos diferentes, e de diversas formas: com raiva, com pressa, feliz, pedalando devagar.

MARIA CLARA (V.S.)

O Daniel, de longe já dá pra saber se tá irritado, muito irritado ou insuportavelmente irritado.

CENA 34B – CASA DE DANIEL/FRENTE – EXT/DIA

Daniel chega em casa. Dona Glória, em frente à casa ao lado, tira compras de sua bicicleta.

GLÓRIA

Daniel, tu podes me dar uma mãozinha?

Daniel nem ouve o que Dona Glória fala e entra em casa sem olhar pra trás.

CENA 35 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/DIA

Sentada no chão da sala, Maria Clara arma, sobre a mesa, um imenso quebra-cabeça. Faltam poucas peças para completar o trabalho. Daniel entra em casa, batendo a porta atrás de si.

MARIA CLARA

Chegou o nervosinho. Vai direto pro quarto. Bate a porta e não dá nem boa-noite.

Daniel fuzila a irmã com um olhar de raiva.

75

DANIEL

Errou.

Daniel dá um chute violento na mesinha do quebra-cabeça, as peças voam pelo ar.

MARIA CLARA

MONSTRO!!!

DANIEL

E, se encher meu saco, o próximo bico é na tua bunda.

Daniel segue para o quarto.



Maria Clara / Carolina Guedes

CENA 36 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/NOITE
Na tela do computador, bombas explodem sobre Bagdá.

Daniel, no quarto, joga o mesmo jogo da cena 19. Seu avião sobrevoa a África, espantando uma manada de elefantes.

Batem na porta.

Antônio abre a porta. Tem na mão o envelope colorido.

ANTÔNIO

O lixeiro não veio hoje.

Daniel não responde, continua jogando sem olhar para Antônio. Antônio larga o envelope sobre a cama e sai.

Na tela do computador, o avião de Daniel ultrapassa a Europa, plana sobre o Atlântico. Consegue chegar no Brasil. O mundo se destrói. Muitas estrelinhas na tela.

CENA 37 – ESCOLA/FRENTE – EXT/DIA

Lucas chega na escola, de manhã cedo. Tranca sua bicicleta, a primeira no estacionamento ainda vazio. Caminha em direção ao laboratório.

CENA 38 – ESCOLA/CORREDOR – EXT/DIA

No corredor, Lucas chega à estátua de Dom Bosco, ao lado da qual há uma samambaia. Coloca a mão no vaso, tateia, procura e não encontra a chave.

Olha em volta, desiste. Dirige-se ao laboratório. O laboratório está trancado, com a chave por dentro. Lucas espia por uma fresta em uma basculante. Uma cobaia come migalhas pelo chão. Lucas pega um cartaz de trabalho de alunos da parede, coloca-o embaixo da porta e tenta empurrar a chave. A chave cai em cima do papel. Lucas puxa o papel cuidadosamente. Consegue pegar a chave. Abre a porta. Uma cobaia foge. Lucas fecha a porta e corre atrás da cobaia pelo corredor. Persegue a cobaia que vai para o pátio interno. Uma FAXINEIRA desce uma escada externa em direção ao laboratório.

78

Lucas segue perseguindo a cobaia. Pega-a. Quando Lucas está voltando para o laboratório, a faxineira entra. Ela se detém diante da bagunça e das cobaias que correm de um lado pra outro. Lucas congela.

FAXINEIRA (F.Q.)

AAAAAhhhhhhhhh!!!

Nas janelas das salas de aula que dão para o pátio surgem vários alunos atraídos pelo grito da faxineira. Outra faxineira se aproxima correndo da porta do laboratório. Lucas larga a cobaia no jardim, disfarçadamente. Dá meia-volta e segue para a sala de aula, misturando-se aos demais alunos.

CENA 39 – ESCOLA/SALA DE AULA – INT/DIA

Lucas entra na sala de aula. Mim já está sentada e olha para Lucas. Lucas senta. Alguns alunos estão entrando, outros já estão sentados. Lucas começa a tirar seu material da mochila, cuidadosamente. Ele olha na direção de Mim.

Professor entra.

PROFESSOR

Em cima da mesa apenas a caneta, um lápis e borracha. Mochilas, livros, cadernos, casacos aqui na frente. Não quero nenhuma folha de papel dentro da classe.

Professor entrega prova. Meninos e meninas colocam suas coisas no tablado em frente e voltam aos seus lugares. Lucas larga sua mochila com cuidado. Senta.

Daniel, com a camiseta do lado do avesso, entra na sala. Lucas olha para Daniel. Daniel vai direto para sua classe, sem olhar para Lucas. Daniel está sentado na segunda classe, ao lado da janela; Lucas, na quarta.

PROFESSOR

Mochila, casaco e livros na frente, Daniel.

Daniel tira caneta da mochila e larga o material na frente. Volta para sua classe sem olhar para ninguém, senta, baixa a cabeça e começa a fazer

a prova. Lucas acompanha Daniel com o olhar. Olha para a janela. A cobaia corre no pátio. Padre Eusébio abre a porta da sala, espera que todos olhem para ele.

PADRE

Lucas, me acompanhe, por favor.

Lucas hesita. Olha para Daniel.

PROFESSOR

Ele está fazendo uma prova.

PADRE

Tem tempo pra tudo.

80

Mim olha para Lucas. Lucas olha para Daniel. Daniel olha fixo para a prova.

PADRE (MAIS DURO)

Vamos, Lucas.

Lucas obedece. Deixa a sala. Um murmúrio cresce entre os alunos. Mim olha para Daniel. Daniel fica preocupado, não olha para ninguém.

PROFESSOR

Silêncio! De volta à prova, por favor.

O silêncio volta a tomar conta da sala. Daniel não consegue se concentrar na prova. Ouve um

barulho de vidros quebrados, olha pela janela. No pátio interno, a faxineira joga o lixo num latão. Lucas desce a escada próxima ao laboratório ao lado de Padre Eusébio. A faxineira volta para dentro do prédio. Várias cobaias correm pelo pátio. Um padre e um professor olham pela janela do laboratório. Padre Eusébio e Lucas estão em frente à porta do laboratório. O padre fala sem parar, gesticulando, mas não ouvimos o que ele diz. Lucas, de cabeça baixa, não olha para o laboratório nem fala nada. O Padre e Lucas se afastam do laboratório.

Daniel tem o olhar parado para fora da sala de aula.

Faxineira, na janela do laboratório, limpa uma gaiola. Um barulho de porta abrindo faz Daniel voltar a sua atenção para dentro da sala.

Padre Eusébio está na porta. Lucas entra, olha para Daniel. Daniel desvia o olhar, olha para a prova. Lucas olha para Mim. Mim olha para Lucas. Lucas pega seu casaco e cadernos, mas não pega a mochila. Sai.

Daniel olha para Lucas saindo, baixa a cabeça e continua a rabiscar a prova.

CENA 40 – ESCOLA/PÁTIO – EXT/DIA

No pátio, Daniel tenta tirar a tranca da bicicleta, apressadamente. Beto e outro menino também destrancam suas bicicletas.

BETO

Claro que foi ele. Ele que tinha a chave e foi o último a deixar o laboratório.

ALUNO 2

Ele não ia fazer isto.

BETO

Não sei por que vocês defendem tanto o Lucas.

Incomodado, Daniel vai embora com sua bicicleta. Mim vem saindo pela porta principal do colégio, carregando duas mochilas (a sua e a de Lucas).
82 Vê Daniel no pátio.

MIM

Daniel!

Daniel não olha para Mim e vai embora.

DANIEL

(para ele mesmo) Mil seiscentos e vinte e um... mil seiscentos e vinte e dois ... mil seiscentos e vinte e três.

CENA 41 – RUA LATERAL DO CLUBE – EXT/DIA
Daniel sobe a lomba do clube, pedalando sem ânimo, igreja e colégio ao fundo.

CENA 42 – BEIRA DE RIO / PEDRA – EXT/DIA

Daniel está à beira do rio, olhar parado. Pega uma pedrinha chata e atira no rio, fazendo com que ela salte sobre a superfície da água duas vezes. Pega outra pedrinha, atira, desta vez ela salta três vezes.

Uma outra pedrinha é lançada por trás dele e salta sete vezes. É Mim. Ela senta ao lado de Daniel. Os dois ficam olhando o rio, em silêncio.

MIM

Suspenderam o Lucas da escola por um mês. Ele vai perder todas as provas, vai perder o ano. Padres filhos da mãe... Melhor se tivessem expulsado, pelo menos ele podia terminar o ano noutra escola. É muita sacanagem. (fala mais...)

83

DANIEL

Ele não pode perder o ano só por causa disso.

MIM

Pode sim. Falaram até que iam chamar a polícia.

Os dois ficam em silêncio. Daniel pega uma pedra grande e joga no rio, fazendo a água espirrar. Mim sorri. Silêncio.

DANIEL

Recebi uma carta do meu pai.

MIM

E por que ele te mandou uma carta?

DANIEL

Não é do Antônio, do OUTRO pai, do que tem o mesmo nome que eu. Quer dizer, eu tenho o mesmo nome dele.

MIM

E o que ele quer?

DANIEL

Não sei. Não abri a carta.

MIM

Mas vai abrir?

DANIEL

Pra quê?

MIM

Sei lá, saber o que ele quer.

Daniel não responde nada. Os dois ficam olhando pro rio. Mim bota a mão em cima da mão de Daniel.

DANIEL

Dois mil quinhentos e vinte e nove.

Mim sorri. Os dois ficam em silêncio.

CENA 43 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/DIA

Daniel entra em casa. Larga a bicicleta e se dirige para o quarto. Maria Clara está recomeçando a fazer o quebra-cabeça.

MARIA CLARA

O monstro chega em casa e...

DANIEL

Eu te ajudo a remontar. Mas não vai ser agora.

85

Daniel entra no quarto. Maria Clara o observa, desconfiada. Volta para o quebra-cabeça. Antônio cruza a sala, dos quartos para a cozinha, com os braços cheios de roupa suja.

ANTÔNIO

Maria Clara, a santa pra Dona Glória.

Maria Clara levanta, pega uma régua e sai em direção à mesa sobre a qual está a santinha. Com a régua, tenta tirar dinheiro da capela da santinha. Antônio cruza a sala novamente. Maria Clara faz de conta que está rezando. Antônio pega o

controle remoto, tira o som da TV, vai em direção ao quarto.

Maria Clara volta a pegar a régua, enfia na abertura da capelinha. Consegue tirar uma nota de dois reais, guarda no bolso.

ANTÔNIO

Maria Clara, a Dona Glória está esperando a santa.

CENA 44 – CASA DE GLÓRIA / SALA. INT/DIA

Sala da casa de Dona Glória, muitas gaiolas de periquito penduradas na parede. Dona Glória tira um fósforo de dentro do bolso do chambre e acende a vela da santinha que está em cima de uma pequena mesa.

86

MARIA CLARA

A senhora acredita em Deus?

DONA GLÓRIA

Claro.

MARIA CLARA

E em milagre?

DONA GLÓRIA

Todo mundo que acredita em Deus, acredita em milagre.



Maria Clara / Carolina Guedes

Maria Clara olha para a parede lotada de periquitos. Dona Glória fecha a capelinha da santa e começa a dar comida para os periquitos. Maria Clara a ajuda.

MARIA CLARA

A senhora pode me vender um só?

DONA GLÓRIA

De casal eles ficam mais alegres e cantam mais.

MARIA CLARA

Mas eu só tenho dois reais.

88

DONA GLÓRIA

Te dou um desconto, qual tu quer?

MARIA CLARA

(apontando) Aqueles dois lá de cima.

Dona Glória sobe num banquinho para pegar a gaiola. Maria Clara se aproxima dela para ajudar.

MARIA CLARA

Lá em casa todo mundo diz que não acredita em Deus. Mas o meu pai sempre faz massa com tatu recheado quando tem *Gre-Nal* e o Daniel vai pra escola de

camisa virada quando tem prova. Isso não é acreditar em Deus?

DONA GLÓRIA

Acho que é.

MARIA CLARA

Eu acredito em Deus, anjo, diabo, Nossa Senhora e chupa-cabra.

Dona Glória desce do banquinho e limpa a gaiola.

DONA GLÓRIA

E como é que se reza pra chupa-cabra?

89

MARIA CLARA

Que nem se reza pra Deus. Eu rezo pra todos eles, um dia pra cada um. E um milagre já aconteceu.

DONA GLÓRIA

Que milagre?

Dona Glória entrega a gaiola para Maria Clara.

MARIA CLARA

O pai do Daniel vai voltar.

DONA GLÓRIA

Vai voltar?

MARIA CLARA

Chegou uma carta dele. Pra que que ele ia mandar uma carta se não fosse voltar?

Maria Clara tira do bolso a nota de dois reais e entrega para Dona Glória, que a coloca direto na capela da santinha.

MARIA CLARA

Será que quem tira dinheiro da santinha é castigado?

CENA 45 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/DIA

90 Daniel no quarto. O envelope está sobre a sua cama. Daniel olha o envelope, considera. Olha para a tela do computador: a carinha lhe sorri. Hesita um pouco. Pega o envelope, olha. Em um canto, uma marca imitando um carimbo, com as palavras: *ANTES QUE O MUNDO ACABE*. Daniel olha novamente para o computador: e novamente a carinha feliz lhe sorri.

Daniel finalmente se decide, abre o envelope. Nele, além de uma carta, há algumas fotos. Daniel olha as fotos, estranha. Lê a carta.

DANIEL (V.S.)

Aposto que você não esperava por essa, né?

Daniel fica incomodado, atira a carta longe. Deita na cama. Olha a carta caída no chão, resiste.

Desvia o olhar. Olha novamente. Se estica, pega a carta e recomeça a ler. Mas, agora, a voz de Daniel pai vai se sobrepondo à sua.

DANIEL-PAI (V.S.)

Bem, por que estou escrevendo para você?
Boa pergunta, e eu mesmo gostaria de responder, mas a verdade é que eu não sei.

Daniel confere uma das fotos. Uma floresta tropical. A luz penetrando pela copa das árvores imensas.

FUSÃO PARA CENA 46 – FLORESTA – EXT/DIA

Em meio a uma floresta tropical, uma mão coloca filme na câmera fotográfica, ajusta. Detalhes da floresta. Ruído de câmera disparando. O rio. Uma canoa passa, tipos orientais acenam para a câmara. Ruído de câmara disparando. Um grupo de trabalhadores rurais. Novo disparo de câmara.

91

DANIEL-PAI (V.S.)

Aqui estava eu, no meio de uma selva na Tailândia. Você sabe onde fica a Tailândia? A selva é um lugar muito pouco agradável, pode ter certeza. Sempre achei que selva não era para gente. Mas acontece que existe um monte de gente que mora aqui.



Daniel-pai / Eduardo Moreira

CENA 47 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/NOITE
Daniel examina as fotos. Os rostos dos trabalhadores asiáticos. Eles trabalhando no meio da floresta, em plantações de arroz. Detalhes do trabalho que realizam. Vendedores da Índia, Vietnã, China. Vendedor de objetos típicos do Oriente. Daniel olha uma das fotos com mais atenção, segue lendo a carta.

DANIEL-PAI (V.S.)

E, como meu trabalho é fotografar gente, eu vim pra cá. Quando eu era criança, tinha a mania de olhar fixamente para as coisas.

CENA 48 – CABANA – INT/NOITE

Um laboratório fotográfico improvisado. Pilhas de fotos e instrumentos de fotografia. Recipientes onde estariam os líquidos de revelação. Junto às fotografias, alguns origamis. Na penumbra, um homem fuma, observando a paisagem pela janela.

93

DANIEL-PAI (V.S.)

Ficava olhando, durante horas, achava que assim eu nunca ia esquecer aquilo. Acho que foi por isso que virei fotógrafo.

CENA 49 – FLORESTA, RIO – EXT/DIA

Ruído irritante de mosquito. Um homem, cujo rosto não vemos, dá um tapa no pescoço, matando o mosquito. Acaricia o pescoço machucado.

DANIEL-PAI (V.S.)

E cá estava eu, fotografando no meio
dessa selva...

CENA 50 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/
NOITE

Daniel lê a carta.

CENA 51 – FLORESTA, RIO – EXT/DIA

Respiração ofegante. O sol brilhando intenso.
Homens asiáticos carregam um homem branco
numa rede.

DANIEL-PAI (V.S.)

...e olha só no que deu. Malária, febre
braba...

94

A floresta vista pelo homem que está deitado na
rede em movimento. A copa das árvores altas. A
luz penetrando através da folhagem.

CENA 52 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/
NOITE

Daniel retira do envelope algumas fotos que a
princípio parecem desconexas. A ponta dos pés
de um homem. Os joelhos. O umbigo.

Daniel vai colocando as fotos sobre a sua cama,
armando uma espécie de quebra-cabeça com
elas. As fotos vão mostrando um corpo humano
deitado. Finalmente, Daniel coloca a foto que

faltava – o rosto (que até então não tínhamos visto) de DANIEL-PAI.

É um homem de 45 anos, com a expressão do-entia, barba por fazer, cabelos desgrenhados, que esboça um sorriso. Daniel olha aquele corpo reproduzido no chão.

DANIEL-PAI (V.S.)

Me vi parado aqui, sem nada para fazer a não ser pensar na minha vida, no que enquadrei e no que deixei de fora.

CENA 53 – CABANA – INT/DIA

Agora vemos finalmente Daniel-pai, frágil, deitado na cama.

95

DANIEL-PAI (V.S.)

Olhe estas fotos. Você consegue ouvir o barulho nas fotos? Consegue ver a vida na selva, os cheiros, tudo?

CENA 53A – CABANA – INT/DIA

Daniel-pai coloca o rolo de filme na máquina. Rebobina o filme. Ajusta a lente, posiciona a câmara, enquadrando um ponto fixo à sua frente. Ele aperta o disparador. Fotografava a cabana. Sequência de imagens da cabana formando uma espécie de mosaico.

DANIEL-PAI (V.S.)

Já fotografei tudo que tinha para fotografar aqui dentro desta cabana. Pra passar o tempo, me conseguiram uma velha máquina de escrever e um bocado de papel. Sentei diante da máquina pensando no que escrever.

Sobre uma pequena mesa, uma máquina de escrever e um brinquedo ótico (foto com acetato). Daniel-pai coça o rosto tomado pela barba por fazer, coloca papel na máquina, reluta, começa a datilografar.

DANIEL-PAI (V.S.)

Ou melhor: pensando em para quem escrever. Eu sempre me preocupei com muita gente ao mesmo tempo e com ninguém em especial. Com quem eu me importo de verdade? Foi aí que eu lembrei de você. E fico aqui pensando: como será que você é? Pra que time será que você torce? Quem será o seu melhor amigo?

CENA 54 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/
NOITE

Sentado na cama, Daniel está terminando de ler. Daniel larga a carta, pega as fotos sobre a cama, e olha pensativo – fotos de crianças brincando, grupos de amigos, futebol.

CENA 55 – RUA, FRENTE DA ESCOLA – EXT/DIA
ELIMINADA

CENA 56 – ESCOLA/SALA COORDENAÇÃO – INT/
DIA

O Padre Eusébio está sentado em frente à sua mesa, assinando papéis. A porta se abre abruptamente, e Daniel entra, afobado. Padre continua seu trabalho sem olhar para Daniel.

DANIEL

Fui eu.

PADRE

Entrar sem bater é pedir sem merecer.

97

Irmã Mirna entra na sala com mais um monte de papéis para o Padre Eusébio assinar.

DANIEL

Desculpa, mas eu preciso contar a verdade. Fui eu.

IRMÃ MIRNA

Estas o senhor tem que assinar só a última e rubricar as outras.

Irmã Mirna pega as folhas já assinadas e sai para a sala ao lado, que é separada desta por uma divisória de vidro. De lá, Irmã Mirna fica observando Daniel com o canto do olho.

DANIEL

Fui eu que fiz aquela bagunça no laboratório. Eu estava com raiva do Lucas... Era pra ser uma... vingança.

O padre continua fazendo seu trabalho sem dar importância à conversa de Daniel.

PADRE

A vingança é um prato que se come frio.

DANIEL

Pois é... O Lucas não tem culpa de nada, fui eu que fiz tudo.

PADRE

Tudo o quê?

Padre Eusébio levanta e vai entregar os papéis à Irmã Mirna. Daniel continua falando.

DANIEL

Quebrei os vidros. Soltei as cobaias... o Lucas tava com pressa e eu fiquei arrumando o laboratório pra ele. Eu passei mal, tive um ataque, estava muito... nervoso. Aconteceram muitas coisas ao mesmo tempo... Não tenho muita explicação, tive um ataque, foi isso. Aí eu soltei as cobaias... E quebrei as coisas. O Lucas não tem culpa de nada.

O padre volta e olha para Daniel pela primeira vez.

PADRE

Então onde está o computador?

DANIEL

Que computador?

PADRE

O computador portátil do laboratório.

DANIEL

O laptop?

PADRE

Sim, o laptop. Quem tirou de lá?

DANIEL

Ninguém. Quando eu saí o laptop tava lá. Acho.

Padre volta a sentar em frente à sua mesa e indica que Daniel sente do outro lado.

PADRE

Daniel, basta olhar para a tua cara para ter certeza que tu não roubaste o laptop. Tu sempre foste um menino muito generoso. Sempre defendeste o Lucas, mesmo quando

ele não merecia. Amigo que não presta e
faca que não corta, que se perca, pouco
importa. O Lucas tem que responder pelo
que ele fez. E todos nós sabemos que isto já
era de se esperar. Pobre não é quem pouco
tem, mas quem cobiça o muito de alguém.

DANIEL

Eu não tou mentindo. Eu fui o último a
sair do laboratório.

Padre Eusébio levanta-se e volta para a sua
cadeira.

PADRE

Então me devolve a chave.

DANIEL

A chave ficou na porta.

PADRE

Daniel, conta o caso como o caso foi: um
ladrão é um ladrão e um boi é um boi.
Quando a Dona Odete chegou, o labo-
ratório estava fechado, não tinha chave
por dentro, nem sinais de arrombamento.
Quem entrou, tinha a chave.

DANIEL

Talvez eu não tenha fechado bem a porta.

Padre Eusébio senta-se e retoma seu trabalho.

PADRE

Muito bem, Daniel. Mesmo que parte da sua história, esse seu tal "ataque", fosse verdade, alguém roubou o computador.

DANIEL

O Lucas não ia fazer isto.

PADRE

Que isto te sirva de lição: ao amigo que não é certo, um olho fechado, o outro aberto.

DANIEL

O Lucas não é ladrão...

101

PADRE (RÍSPIDO)

O tempo é o melhor juiz de toda a causa. Não estamos acusando Lucas de nada. Se houve roubo ou não, a polícia vai investigar e descobrir. Mas ele era o responsável pelo laboratório e o equipamento sumiu. E deve ser suspenso por isso. Agora pode ir pra sala de aula.

Daniel se dirige pra porta, para.

DANIEL

Justiça demorada, injustiça é.

PADRE

O pior cego é aquele que não quer ver.

Daniel deixa a sala, arrasado.

CENA 57 – CASA DE DANIEL/SALA DE JANTAR
– INT/DIA

Almoço. Toda a família ao redor da mesa. Daniel come sem muita disposição. Ninguém fala nada. Periquitos gritam muito, um barulho irritante.

ANTÔNIO

(para Daniel) Me passa a salada.

102

Daniel passa a salada para Antônio. Todos continuam em silêncio. Só os periquitos perturbam o ambiente.

ANTÔNIO

Pra salada tem que ser o tomate gaúcho. Este é pra molho.

ELAINE

Só porque é o maior e mais bonito, tem que ser *tomate gaúcho*. Isso é bem coisa de gaúcho.

ANTÔNIO

Tem também a alface-americana, a couve-de-bruxelas...

MARIA CLARA

Argh, couve...

ELAINE

Mas a alface-americana foi importada, não tinha aqui. Aliás, continua não tendo. Quando o Seu Moacir tem alface lisa, já é muito bom.

MARIA CLARA

O alface.

ELAINE

O tomate, não. É igual em qualquer lugar. Em São Paulo ninguém chama tomate gaúcho ou tomate paulista. São todos simplesmente tomate, e, aliás, são todos produzido pelos japoneses.

103

Antônio não responde. Novo silêncio, quebrado apenas pelo som dos periquitos.

ELAINE

Maria Clara, pelo amor de Deus.

MARIA CLARA

(surpresa) mas foi a minha professora que disse que era o alface.

ELAINE

Pode ser o alface. Mas tu devolve estes periquitos pra Dona Glória ainda hoje.

Maria Clara olha para Antônio como se pedisse socorro.

Daniel levanta e sai. Os periquitos continuam cantando.

CENA 58 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/DIA

Maria Clara entra no quarto de Daniel cuidadosamente, olha as fotos do pai de Daniel, separa duas, põe no bolso, lê a carta.

CENA 59 – PRAÇA – EXT/DIA

Lucas está andando de bicicleta nos caminhos que formam uma espécie de labirinto na praça central da cidade. Ao lado da praça, em frente à igreja, uma figueira.

104 Daniel tenta alcançá-lo, mas Lucas fica sempre desviando.

Daniel avança com mais velocidade, faz uma manobra e para na frente da bicicleta de Lucas, que é obrigado a frear bruscamente. Daniel encara Lucas.

DANIEL

Tem Apolo x Serraria, hoje, às 4.

LUCAS

Eu sei.

Lucas desvia de Daniel e sai pedalando. Daniel o segue. Vão em direção à figueira.

DANIEL

Eu contei pro Padre Eusébio que fui eu que quebrei as coisas.

Lucas segue pedalando em volta da figueira, evita olhar pra Daniel.

DANIEL

Mas ele não acreditou. A gente tem que fazer alguma coisa.

LUCAS

(sem olhar para Daniel) Não tem nada pra fazer.

DANIEL

A gente tem que descobrir quem roubou o laptop.

105

LUCAS

Deixa assim.

DANIEL

Tu vai perder todas as provas. Vai perder o ano.

LUCAS

Se eu passar no teste da escola técnica, eles não vão ter coragem de me rodar.

Daniel para, Lucas continua pedalando em volta da figueira. E, agora, também em volta de Daniel.

DANIEL

Tu tem que voltar lá comigo e dizer que eu fiquei com a chave.

Lucas se afasta.

LUCAS

Eu já devolvi a chave.

Daniel fica sem resposta. Lucas volta a pedalar em volta da figueira.

Os dois seguem andando de bicicleta sem falar nada. Silêncio.

DANIEL

Tu não pode deixar assim, os caras te chamando de ladrão.

LUCAS

Eles querem que eu seja o ladrão.

O sino da igreja toca. Daniel e Lucas se olham e saem pedalando rápido. Cruzam com o carteiro Barão na frente da igreja.

BARÃO

Três a dois.

LUCAS

Um a zero.

CENA 60 – BEIRA DO RIO – EXT/DIA

Daniel e Lucas sentados lado a lado, na beira do rio. Atiram bolinhas de cinamomo no barco das crianças, enquanto discutem.

DANIEL

Por que tu não disse que tava com a Mim naquela noite?

LUCAS

Para quem?

DANIEL

Pro Padre Eusébio.

LUCAS

la ser sacanagem pra Mim.

DANIEL

Ah, tá bom, mas sacanagem para mim, aí vale.

LUCAS

Peraí, Daniel. Tu mesmo disse que vocês tavam dando um tempo.

DANIEL

Então, UM TEMPO! Eu não disse que a gente tinha brigado.

LUCAS

Nem te preocupa, não aconteceu nada entre a gente.

Daniel para e olha para Lucas.

DANIEL

Não?

Lucas se defende de algumas bolinhas.

LUCAS

Ah, só uns beijinhos.

Daniel vai para cima de Lucas. Os dois rolam no gramado. Chuva de bolinhas de cinamomo sobre eles.

108

DANIEL

Filho da mãe.

Lucas, mais forte, se desvencilha e passa para cima, dominando Daniel.

LUCAS

Filho da mãe é tu, que quebrou tudo e me deixou nessa enrascada.

DANIEL

(vencido) É, foi mal.

Lucas solta Daniel e os dois voltam a olhar para o rio. Silêncio.

DANIEL

Acertei em dez.

LUCAS

Mentira, tu só acertou oito. Eu acertei 12. E aquela crespa, coitada. Levou quase todas.

Pausa.

LUCAS

Ela gosta de ti, meu.

DANIEL

A crespa?

LUCAS

A Mim.

DANIEL

Ah, tá bom. Gosta de mim, mas fica contigo.

LUCAS

É, acho que ela gosta um pouco de mim, também. Pô, Daniel, ela tá confusa.

DANIEL

Ah, coitadinha.

Pausa.

DANIEL

Acertar na crespa é mais fácil. Cada bolinha na pequeninha que eu acertei vale por duas.

LUCAS

Tá bom. Tu ganhou. (...) Mas eu não vou desistir.

DANIEL

Da crespa?

LUCAS

Não. Da Mim.

110

Lucas levanta e sai.

DANIEL

Nem eu.

Lucas sai de bicicleta, Daniel segue olhando para o rio.

MIM (CANTA, V.S.)

Minha mãe me falou
Que eu preciso casar
Pois eu já fiquei mocinha

CENA 61 – RUAS DA CIDADE/FRENTE DO PORÃO
– EXT / ENTARDECER

Daniel pedala lentamente pelas ruas da cidade.
Dá meia-volta. Apressa a pedalada. Chega na

frente do bar Porão. A bicicleta de Lucas está ali na frente, acorrentada a um poste. Daniel encosta sua bicicleta no poste ao lado.

CENA 62 – PORÃO – INT/NOITE

No palco do bar Porão, Mim ensaia, tocando violão e cantando em um microfone. Um rapaz dá as orientações para o outro que está em cima de uma escada, afinando um forte fecho de luz sobre Mim. Ao lado do palco uma banda espera com seus instrumentos.

Sem que ninguém o perceba, Daniel entra e senta no balcão, à frente do palco. Mim segue cantando a música *Beat Acelerado*, da banda Metrô.

MIM (CANTA)

Procurei um alguém
E lhe disse: meu bem
Você quer entrar na minha?
Acontece porém
Que eu não sei me entregar
A um amor somente
Quando ando nas ruas
Fico só namorando
E olhando pra toda gente
Coração ligado
Beat Acelerado
Meu amor se zangou
De ciúme chorou
Não quer ficar mais ao meu lado

E hoje eu sigo sozinha
Sempre no meu caminho
Solta e apaixonada..

Do palco, Mim percebe Daniel. Ela canta olhando para ele. Mas em seguida desvia o olhar para alguém que está atrás do biombo da entrada. Daniel olha. É Lucas, que também assiste ao ensaio. Daniel fica incomodado, levanta e sai.

CENA 63 – PORÃO, RUAS – EXT/NOITE

Daniel deixa o Porão, segue até o poste onde deveria estar sua bicicleta, mas no lugar dela só há a corrente, arrebentada e caída no chão.

112 Olha para um lado, nada. Olha para o outro, um menino, já longe, corre empurrando a bicicleta com um pé no pedal, outro dando impulso. Passa a perna sobre o ferro, pedala forte e dobra a esquina.

Daniel olha, impotente.

Cansado e frustrado, Daniel segue andando pela rua. A canção cantada por Mim atravessa toda a cena.

CENA 64 – CASA DE DANIEL/COZINHA – INT/ NOITE

Antônio está lendo. Daniel entra na cozinha, abre a geladeira, pega uma garrafa de água, bebe no gargalo. Senta, deprimido.

ANTÔNIO

O que foi? Aconteceu alguma coisa?

DANIEL

Minha namorada está a fim do meu melhor amigo, que está sendo acusado de ladrão por minha causa, apareceu um outro sujeito que diz que é o meu pai e roubaram a minha bicicleta.

ANTÔNIO

Neste caso, só há uma coisa a fazer.

Antônio larga o que está lendo. Bota o avental.

DANIEL

O quê?

ANTÔNIO

Pão.

Massa de pão sendo amassada com raiva.

ANTÔNIO

Que mal o pão te fez?

Daniel sova a massa de forma mais suave.

ANTÔNIO

E a Mim?

DANIEL

Que é que tem a Mim?

CENA 65 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/NOITE

Maria Clara tira o som da TV para escutar a conversa. Com a mesa cheia de materiais, desenha e recorta alguma coisa.

ANTÔNIO (F.Q.)

Ela tá bem?

DANIEL (F.Q.)

Tá. Quer dizer, acho que tá... sei lá.

ANTÔNIO (F.Q.)

114 *Sei lá* quer dizer que ela tá bem ou que tu é que tá mal?

DANIEL (F.Q.)

Pode ser.

CONT. 64 – CASA DE DANIEL/COZINHA – INT/NOITE

Daniel e Antônio seguem fazendo a massa de pão.

ANTÔNIO

Pode ser quer dizer que sim?

Daniel sorri.

ANTÔNIO

Vocês brigaram?

DANIEL

Sim e não. Não sei.

ANTÔNIO

Peraí, agora eu não entendi. Sim ou não?

DANIEL

Sei lá, a Mim é muito complicada.

ANTÔNIO

Se as mulheres não fossem complicadas,
que graça teria?

Daniel sorri.

ANTÔNIO

Tá bom, ela é complicada. Mas e tu?
Quem te vê falando pensa que tu é o cara
mais resolvido do mundo.

115

DANIEL

E não sou? A Mim uma hora quer, outra
hora não quer.

CENA 66 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/NOITE
Maria Clara agora termina o brinquedo ótico
que estava preparando: um taumatrópio, um
disco de papelão com imagens recortadas e
coladas: uma mulher com os lábios esticados
para um beijo de um lado, um homem do outro.

Esticando um cordão retorcido, Maria Clara faz o disco girar rapidamente: as duas figuras parecem se beijar.

Maria Clara tenta ouvir a conversa que vem da cozinha, mas o canto dos periquitos a impede. Ela larga o que está fazendo, levanta e coloca um casaco sobre a gaiola. Os periquitos param de cantar imediatamente.

ANTÔNIO (F.Q.)

Compreensivo e ciumento.

CONT. 64 – CASA DE DANIEL / COZINHA – INT / NOITE

116 Daniel e Antônio seguem fazendo a massa de pão.

DANIEL

Eu, ciumento? Qual é!

Antônio acha graça. Escolhe as palavras.

ANTÔNIO

Quando eu entrei nessa casa pela primeira vez, teve um cara que me olhou de cima abaixo e me disse: *Tu não pode sair com ela, tu é muito feio.*

DANIEL

Eu disse isso?

ANTÔNIO

E até que tu tinha alguma razão. Mas depois continuou enchendo o meu saco, para ver se me fazia desistir da tua mãe.

DANIEL

Eu era um pentelho...

ANTÔNIO

Um pentelho de 4 anos que declarou guerra contra mim. E eu aceitei é lógico. Apesar de feio, eu era bem maior e mais forte que tu. Achei que ia me livrar de ti, rapidinho. Mas aos poucos me dei conta que as tuas armas eram muito poderosas e que eu já não queria só a tua mãe. Queria fazer parte daquele mundinho de vocês. E mudei a estratégia.

117

DANIEL

E me conquistou pela barriga.

ANTÔNIO

Numa guerra vale tudo. Quem resiste a um pãozinho quente?

DANIEL

Não era difícil, né? Pra me livrar da comida da minha mãe, eu aceitava qualquer coisa.

ANTÔNIO

Pois é, depois da terceira fornada, ganhei a guerra.

Daniel, visivelmente frágil e emocionado, baixa a cabeça pra disfarçar e segue fazendo pão. Corta a massa e cria formas com a segurança de quem já fez aquilo muitas vezes. Faz pão em forma de tartaruga, outro em formato de boneco. Coloca feijão pra fazer de olho e vai colocando os pães prontos numa fôrma.

Daniel e Antônio terminam de colocar os pães nas fôrmas e abafam para levedar. Antônio lava as mãos enquanto Daniel raspa o resto de massa com uma faca e faz a limpeza do balcão.

118

ANTÔNIO

Que moleza, hein? E dizem que fazer pão é complicado. Complicado é mulher.

Daniel sorri. Os dois ficam em silêncio.

DANIEL

(sem olhar para Antônio) Ter dois pais é que é complicado.

ANTÔNIO

É, isso também.

Os dois, de novo, ficam em silêncio.

DANIEL

O que tu acha desse Daniel aí aparecer assim... de repente?

ANTÔNIO

Acho que temos que encarar, não acha? A tua vida inclui uma mãe, uma meia-irmã, uma namorada confusa, um amigo que acusam de ladrão e dois pais. Tem opção?

DANIEL

Tem. Continuar como tava.

ANTÔNIO

Topo.

119

DANIEL

Por que eu tenho que encarar um pai que não quis saber nada de mim? Um cara que nem sabe quem é o meu melhor amigo, nem se eu gosto de futebol...

ANTÔNIO

Porque ele existe. E porque talvez as coisas não sejam tão simples assim.

DANIEL

Pode ser, não sei.

Daniel tira o avental e sai da cozinha.

CENA 67 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/
NOITE

Daniel, no computador, procura a Tailândia num localizador geográfico conectado à internet. Numa caixa de consulta, pesquisa a distância entre Tailândia e Pedra Grande. Não encontra. Tenta entre a Tailândia e Porto Alegre.

Daniel abre páginas e sites com informações e imagens sobre seu pai. Acha um site com dados e fotos. Anota um nome e um número de telefone num papel. Espalhados pela mesa: fotos, um Atlas, algumas revistas *National Geographic*. Uma batida na porta faz Daniel minimizar rapidamente o que pesquisava e abrir o MSN. Elaine entra no quarto com novo envelope.

120

ELAINE

Chegou mais uma.

Daniel não olha para a mãe. Silêncio.

ELAINE

Ponho no lixo?

DANIEL

(sem olhar para Elaine) Deixa aí.

Elaine deixa o envelope sobre a cama, olha para Daniel. Ele não reage. Elaine sai, fechando a porta. Daniel abandona o computador e pega a carta.

Abre. Tira dela fotos, um papel datilografado e um brinquedo ótico: um desenho em preto e branco sobre acetato. Daniel puxa o desenho conforme indica uma seta e uma foto surge por baixo dando colorido ao desenho. Daniel sorri.

ELAINE (F.Q.)

Maria Clara, quando é que estes periquitos vão ser devolvidos pra Glória?

Daniel olha as fotos e lê a carta.

DANIEL-PAI (V.S.)

A malária é uma febre intermitente. Não dá tréguas. Passo a noite toda queimando e de manhã, quando acho que passou, ela volta mais forte ainda...

121

CENA 68 – CABANA – INT/DIA

Daniel-pai deitado na cama, enrolado numa manta, aparência debilitada, com compressas sobre seu rosto. O monge da cena 4 cuida dele, lhe dá remédios, troca suas compressas, entoa uma ladainha.

DANIEL-PAI (V.S.)

Só o que faço é tremer e suar, suar e tremer. Fico prostrado na cama o dia inteiro, então só me resta pensar... e lembrar de coisas que achava que tinha esquecido.

Outro dia, pensando em você, me lembrei da sua mãe. Só que lembro dela quando ela tinha 20 anos e a gente se conheceu.

CENA 69 – CASA DE DANIEL/CORREDOR, QUARTO DE ELAINE, BANHEIRO – INT/DIA

Elaine discute com Antônio na sala. Ela anda de um lado para outro. Antônio pouco responde às provocações de Elaine. Do corredor, Daniel observa. Elaine entra e sai de seu ponto de vista, e Antônio está em algum canto da sala que Daniel não vê.

Daniel segue para o quarto da mãe, sorrateiramente. Vasculha as coisas dela. Numa gaveta, encontra uma caixa cheia de cartas, fotos, um álbum de fotografias. Examina.

122 Finalmente, Daniel acha uma foto: é Elaine, mais jovem. Daniel admira a mãe, quase uma menina, bonita, sensual.

DANIEL-PAI (V.S.)

Deve haver alguma foto dela nessa idade... talvez eu mesmo tenha feito essa foto. Ela era muito bonita. Sua mãe continua uma mulher bonita? Ela tinha uma tatuagem com um ideograma chinês que significa *perseverança*. A Elaine era uma garota muito perseverante. Perseverante significa, entre outras coisas, cabeça-dura e teimosa. E sua mãe, ainda é uma mulher perseverante?

Elaine entra no quarto, Daniel se esconde.
Ela segue para o banheiro, tira a roupa, entra no box.

Do quarto, Daniel espreita a mãe, curioso.
A silhueta da mãe, pelo vidro do box. Ela se banha. Ele tenta olhar a bunda dela, pelo vidro, mas o vapor o impede de ver. Ela termina a ducha, sai do banheiro, se enrolando na toalha. Daniel continua escondido, observando-a.

Ela segue para o quarto, abre o armário, escolhe uma roupa. Não percebe a presença do filho. Finalmente acha a roupa, começa a se vestir. Num dado momento, se desfaz da toalha, por alguns instantes fica nua para Daniel.

Ele vê a tatuagem, próxima a uma das nádegas. O ideograma chinês. Pelo espelho, enquanto se veste, Elaine finalmente repara na presença de Daniel. Se cobre, constrangida.

123

ELAINE

Que tá fazendo aí, Daniel?

DANIEL

Vim pegar umas fotos... É bonita esta tua tatuagem. Eu nunca tinha olhado pra ela direito.

ELAINE

Não vai me dizer que tá pensando em fazer uma tatuagem? Pelo amor de Deus, Daniel, não inventa moda!

DANIEL

Por que tu decidiu tatuar logo *perseverança*?

ELAINE

Como tu sabe...?

DANIEL

Sabendo...

Daniel sai do quarto, levando a caixa das fotos antigas. Elaine, contrariada, termina de se vestir.

CENA 70 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/DIA

Sentado na cama, Daniel agora observa fotos antigas num álbum.

Elaine grávida. Elaine no trabalho, expressão séria. Daniel bebê recém-nascido. Ele com o braço engessado.

Antônio mais jovem, quando começou a namorar sua mãe, os dois abraçados, jeito apaixonado. Os dois abraçados com a cabeça cortada (no que seria uma foto tirada por criança). Fotos da irmã pequena recém-nascida. A família reunida numa data festiva. Todos muito felizes.

Daniel observa aquelas fotos atentamente.

CENA 71 – CASA DE DONA GLÓRIA – INT/DIA

Fotos de pessoas tatuadas.

MARIA CLARA (F.Q.)

Elas moram bem no norte da Tailândia e toda tribo é tatuada.

Maria Clara mostra fotos para Dona Glória. As duas estão sentadas na sala de Dona Glória. Os periquitos estão ao lado.

MARIA CLARA

Estas não podem tirar o véu nunca, senão podem ser mortas. Nem o dedinho fica de fora.

CENA 72 – FOTOS EM TABLE-TOP

CENA 72A – CABANA – INT/DIA

Sequência de montagem com fotos e Daniel-pai em várias situações na cabana (na máquina de escrever, na janela fumando, fotografando, na varanda pegando sol)...

Uma série de fotos de mulheres muçulmanas, todas de véu. algumas cobertas da cabeça aos pés, de burca.

DANIEL-PAI (V.S.)

Sabe que no Islã é permitida a poligamia? Deve ser estranho ser mulher numa sociedade onde é permitido ao homem ter quantas mulheres quiser e puder sustentar. Mas imagina o contrário. Uma

sociedade onde é a mulher que pode ter quantos maridos quiser?

As fotos mostram agora uma aldeia na Índia. Uma matriarca cercada por homens de diversas idades, e diversas crianças.

DANIEL-PAI (V.S.)

São as famílias poliândricas que vivem no norte da Índia, perto do Tibet. Vem de *poli*, muitos e *andros*, homem. Muitos homens. Você acha que esse costume ia ser bem recebido aí no Brasil? Consegue imaginar um gauchão de faca na cintura sendo o terceiro ou quinto marido de uma prenda?

126

Outras fotos das mulheres indianas com seus muitos maridos, e os homens com um monte de crianças em volta. Elas dançando. Elas trabalhando. Aspectos dessa aldeia milenar.

Entre as fotos, imagens em vídeo dos personagens fotografados, olhando para a câmara, como se fosse o ponto de vista de Daniel-Pai.

DANIEL-PAI (V.S.)

Deve ser complicado para as crianças terem uma mãe e diversos pais.

Seguem novas fotos, intercaladas por imagens em vídeo. Elas mostram habitantes vestidos com

roupas exóticas, morando em casas rudimentares, barbas longas, estranhos chapéus. Como se fossem seres do passado. Povos *toraja* da Indonésia, *hmong* da China, etc.

DANIEL-PAI (V.S.)

Essas pessoas parecem lembranças de um tempo que se acabou, e, no entanto, estão vivas como eu e você em pleno século 21. São hábitos, crenças, modos que existem há milênios e que resistem às mudanças, como se o passado recusasse a ser esquecido. E este é o meu trabalho, fotografá-los antes que tudo isto acabe.

127

Lavanderia a céu aberto na Índia: dez mil homens lado a lado lavando e batendo roupa. Crianças indianas com camisetas Nike. Um menino no interior do Vietnã tomando um refrigerante industrializado.

DANIEL-PAI (V.S.)

Qualquer dia um plantador de arroz do Vietnã, um garoto do subúrbio de Shanghai, Pequim, de Los Angeles ou de Pedra Grande, todos vão ouvir a mesma música, vestir a mesma roupa, comer o mesmo tipo de fast-food, chorar com os mesmos filmes.

CENA 73 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/NOITE
Daniel lê a carta.

DANIEL-PAI (V.S.)

Quando pequeno eu gostava de olhar uma fotografia e ficar imaginando o que tava acontecendo em volta.

Daniel examina as fotos de novo. Curioso, passa de uma foto para outra atentamente: fotos da floresta.

128 Numa rápida montagem de uma foto para outra, com luzes diferentes, sombras que mudam sutilmente, pássaros que se deslocam ou surgem, ou desaparecem, animam dando vida àquela floresta. A ideia de vida nas fotos é reforçada por uma aproximação das fotos fazendo com que suas bordas deixem de ser percebidas e uma sutil alteração do som ambiente que vai deixando de ser urbano para ser o som de uma floresta.

DANIEL-PAI (V.S.)

Hoje, quando eu fotografo, fico prestando atenção no que tou deixando de fora pra depois tentar lembrar de tudo.

CENA 74 – PRAÇA/FRENTE DA ESCOLA – INT/DIA
Daniel está sentado num dos bancos da praça, observa a escola atentamente, crianças e jovens entram.

Mim se aproxima por trás dele, sorrateiramente. Ela tapa os olhos de Daniel com as mãos, surpreendendo-o. Ele acaricia as mãos de Mim, reconhece, esboça um sorriso. Ela destapa os olhos dele. Eles ficam um tempo se olhando meio sem graça.

MIM

Oi.

DANIEL

(desviando o olhar) Oi.

MIM

Trouxe um presente pra ti.

129

DANIEL

Pra mim?

MIM

Não, pra ti.

Mim entrega um CD com uma foto dela, Mim, na caixinha.

DANIEL

Obrigado. É um *joik*.

MIM

Um o quê?

DANIEL

Joik. É uma música. Dos saamis.

MIM

Uma banda?

DANIEL

Não, os saamis são um povo, vivem na Lapônia, a terra do Papai Noel. Quando a criança nasce os pais dão pra ela um *joik*, uma música que é só dela. Quando cresce ela pode trocar de *joik*, ou ganhar outro do namorado. Ou namorada.

130 Silêncio. Daniel dá uma foto impressa num computador para Mim.

DANIEL

Tenho um presente pra ti também.

MIM

Pra mim?

DANIEL

É, pra ti.

Mim fica olhando pra foto.

MIM

Que bonita, é dos saamis?

DANIEL

Não, são os hmong.

MIM

É do teu pai?

DANIEL

Meu pai é o Antônio.

MIM

Ihh, Daniel. Desencana. Um cara que faz essa foto não pode ser um completo babaca.

DANIEL

Teve uma exposição dele em Porto Alegre.

131

Toca a campainha sinalizando o início da aula. Os dois ficam sem graça. Daniel se levanta.

DANIEL

Valeu, Mim. Adorei o presente.

Mim levanta, dá um beijo em Daniel. Os dois ficam abraçados por um tempo.

MIM

Alguém pode ganhar um *joik* de uma amiga?

DANIEL

Na Lapônia, não. Tem que ser da namorada.

MIM

Bom, nós não estamos na Lapônia.

DANIEL

É.

Campainha toca novamente. Os dois se dirigem para a porta principal da escola.

CENA 75 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/
ENTARDECER

Daniel está no computador, ao seu lado diversas fotos de Daniel-pai e um papel com algumas anotações. Daniel está ouvindo o CD da Mim, no qual ela canta *Beat acelerado*. Elaine entra no quarto. Daniel interrompe a execução do CD. Elaine se aproxima de Daniel com um envelope na mão, percebe as anotações. Daniel, incomodado, coloca algumas fotos em cima das anotações. Elaine entrega o envelope a ele.

132

ELAINE

Mais uma.

Daniel pega o envelope, olha o remetente, não comenta nada, larga sobre a mesa.

ELAINE

E o Lucas?

DANIEL

O que que tem ele?

ELAINE

Como ele está?

DANIEL

Bem... acho que tá bem. Pelo menos não precisa ir à aula.

Tempo. Daniel observa o novo envelope, mas não abre. A mãe continua parada ao seu lado. Daniel parece incomodado com a presença da mãe. Elaine pega uma foto e olha atentamente: é uma foto de um vendedor de brinquedos orientais parecidos com aqueles com que Maria Clara brinca. Silêncio.

133

ELAINE

O que ele quer?

DANIEL

Lucas?

ELAINE

Não. Daniel. O que ele quer?

DANIEL

Nada. Levou uma picada de mosquito e, pra passar o tempo, resolveu escrever pra alguém que tivesse o mesmo nome dele.

Elaine sorri.

ELAINE

Daniel é um nome bonito.

DANIEL

Era nome de algum personagem de novela?

ELAINE

Não, Daniel é o nome de um profeta.

DANIEL

(irônico) Ele deve ter sido muito legal contigo, pra tu dar o nome dele pro teu filho.

134

Silêncio.

ELAINE

Eu gostava muito dele. E...

DANIEL

Amanhã vou pra Porto Alegre.

ELAINE

Fazer o quê?

DANIEL

O Lucas vai fazer um teste, eu vou junto pra dar uma força.

Elaine pega o pedaço de papel com um nome e um endereço escritos: o nome é MARCELO LOPES.

ELAINE

Tu vai encontrar com o Marcelo?

Daniel, sem olhar para o papel, responde como se aquilo não tivesse qualquer importância.

DANIEL

Acho que não.

ELAINE

Esse cara era um grande amigo do Daniel. Eles trabalhavam juntos.

Elaine larga o papel na mesa.

135

ELAINE

Eu devia ter falado mais dele pra ti...

DANIEL

Tou no lucro. Tinha um pai, agora tenho dois.

Elaine sorri.

ELAINE

Ainda bem que mãe só tem uma.

Elaine vai saindo do quarto. Antes de fechar completamente a porta, volta.

ELAINE

Como que vocês vão?

DANIEL

De ônibus. Vamos no das sete, voltamos no das seis.

ELAINE

Leva o meu celular. E não esquece de deixar ligado. E me avisa assim que chegarem em Porto Alegre.

DANIEL

Pode deixar.

136 Elaine vai fechando a porta novamente. Volta.

ELAINE

Mas não usa o celular na rua, e é melhor não ir de relógio e botar um tênis meio velho.

DANIEL

Tá bom.

ELAINE

Será que vocês vão saber andar em Porto Alegre sozinhos?

DANIEL

A gente se vira.

ELAINE

Cuida pra quem vocês vão pedir informação, não fiquem mostrando que são dois meninos bobos do interior.

DANIEL

Nós não somos dois meninos bobos.

ELAINE

Tem dinheiro?

DANIEL

(impaciente) Tenho.

Elaine faz menção de sair e volta.

ELAINE

Tu tem vontade de conhecer ele?

137

DANIEL

Ele mora na Tailândia.

ELAINE

Ah, é.

Elaine sai. Daniel solta o pause, música da Mim volta a tocar. Daniel abre novo envelope, dele retira uma nova carta.

MIM (CANTANDO)

Meu amor se zangou
De ciúme chorou

Não quer ficar mais ao meu lado
E hoje eu sigo sozinha
Sempre no meu caminho
Solta e apaixonada.

O sino da Igreja toca. Daniel olha para o computador: a carinha está triste. Dá a volta na cadeira. Olha para o computador: a carinha ainda triste. Fecha os olhos e aciona um brinquedo que faz correr uma bolinha por uma espécie de tobogã, quando a bolinha cai, ele abre os olhos e olha para o computador, a carinha sorri. Daniel sai correndo.

138

CENA 76 – RUAS DA CIDADE – EXT/ENTARDECER
Daniel agora pedala com dificuldade numa bicicleta pequena, cor-de-rosa e com cestinha, claramente uma bicicleta de menina pequena. Pedala muito rápido pelas ruas da cidade. Quando chega numa ponte perto do rio, um rebanho de ovelhas é tocado por um homem a cavalo, ocupando toda a estrada. Daniel, agoniado, tenta passar rápido mas não consegue.

CENA 77 – BEIRA DO RIO – EXT/ENTARDECER
Daniel pedala pela estradinha que acompanha o rio. Lá embaixo, o barco com as crianças passa. Daniel chega na beira do rio: a pedra onde eles costumam ficar para jogar bolinhas nas crianças do barco está vazia. Daniel olha em volta, procurando.

Em cima da ponte pênsil, Mim e Lucas estão sentados de costas para Daniel. Daniel larga a bicicleta e se aproxima lentamente da ponte. Pisa na ponte cuidadosamente, mas não consegue evitar que ela se movimente. Mim o percebe.

MIM

O Seu Custódio não espera. Mas eu guardei umas pitangas pra ti.

Mim oferece pitangas para Daniel que, meio sem graça, se aproxima dos dois. Daniel senta ao lado de Mim. Os três ficam em silêncio.

DANIEL

139

(para Mim) Quer ir pra Porto Alegre amanhã?

MIM

Fazer o quê?

DANIEL

Enquanto o Lucas faz o teste pra escola técnica, a gente podia ir lá naquele museu ver se encontra mais alguma foto do meu pai.

MIM

Pode ser.

CENA 78 – RODOVIÁRIA

Os três compram passagem.

MULHER DA RODOVIÁRIA

Janela ou corredor?

Lucas e Daniel se olham, não respondem.

MIM

Três corredores.

CENA 79 – ÔNIBUS

Daniel, Lucas e Mim nos dois primeiros bancos do ônibus com o banco bem deitado para trás e os pés no vidro que separa o motorista dos passageiros. Mim entre os dois. O ônibus está praticamente vazio.

DANIEL

O que vocês diriam pro pai de vocês se encontrassem ele pela primeira vez?

MIM

Oi.

DANIEL

Só oi?

MIM

É.

LUCAS

Eu perguntaria se ele é Apolo ou Serraria.

DANIEL

Mas se ele não fosse daqui?

LUCAS

Se é gremista ou colorado, Náutico ou Sport, Avaí ou Figueirense... Sei lá, de algum lugar ele deve ser. Será que o teu pai é canhoto?

Daniel olha para os pés dos três apoiados no vidro. Os pés juntos, quase se encostando. Atrás do vidro, a estrada.

DANIEL (F.Q.)

Não sei... Vocês já ouviram falar em famílias poliândricas?

OS DOIS (F.Q.)

Quê?

CENA 80 – SEQUÊNCIA DE MONTAGEM / INT-EXT/DIA

Música. Daniel, Mim e Lucas descem do ônibus na rodoviária de Porto Alegre.

Escutam música numa loja de CDs.

Procuram alguma coisa numa livraria.

Tiram fotos no lambe-lambe da Praça XV em diversos fundos, sempre os três juntos.



*Lucas / Eduardo Cardoso, Daniel / Pedro Tergolina e
Mim / Bianca Menti*

Andam pelas ruas movimentadas do centro de Porto Alegre.

E se divertem com as fotos.

Música continua. E os três continuam pelo centro. Pedem informações, seguem caminhando.

Em alguns momentos Mim está mais do lado de Lucas, em outros mais perto de Daniel.

Os três se divertem. Fazem um lanche.

MIM

Vocês sabem como fazer pra nunca acabar um copo de suco? (...) Toma sempre a metade do suco.

Mim demonstra sua teoria dividindo o suco em dois copos.

143

LUCAS

E pra não acabar um livro? (...) Nunca ler o final do livro.

Os três levantam e caminham em direção ao caixa. Daniel cochicha para os dois.

DANIEL

E como fazer pra não acabar com o dinheiro?

Daniel entrega o dinheiro ao SENHOR DO CAIXA.



*Lucas / Eduardo Cardoso, Mim / Bianca Menti e
Daniel / Pedro Tergolina*



*Mim / Bianca Menti, Daniel / Pedro Tergolina e
Lucas / Eduardo Cardoso*

DANIEL

O senhor sabe pra que lado fica a Usina do Gasômetro?

CAIXA

(apontando) Vocês têm que pegar a rua da Praia à direita e ir toda vida. No final é a Usina.

Daniel aproveita que o Caixa se vira em direção ao Gasômetro e põe três balas no bolso. Caixa se volta pra Daniel e lhe entrega o troco.

DANIEL

Obrigado.

145

Mim e Lucas fazem esforço para não rir. Os três saem da lancheria.

Já fora da lancheria, Daniel divide as balas com os outros dois, que riem muito. Os três seguem pela rua da Praia.

Última imagem da sequência: os três entram na Usina do Gasômetro.

CENA 81 – GASÔMETRO/DEPÓSITO DE UMA GALERIA – INT/DIA

Daniel, Mim e Lucas olham painéis de uma exposição já desmontada. Mim mostra uma foto com o nome de Daniel Vaz.

MIM

Tu consegues perceber quais dessas fotos são dele?

DANIEL

Até a semana passada eu mal lembrava que ele existia.

Os três separam um painel do outro. As fotos são todas em preto e branco, e mostram crianças em situações de guerra, miséria, sofrimento, mas não exatamente infelicidade. Mim olha atentamente para uma das fotos.

MIM

O que será que ela estava pensando na hora em que tiraram a foto?

Daniel se aproxima da Mim e olha para a foto.

DANIEL

O que será que ele estava pensando na hora em que tirou a foto?

LUCAS

Que horas tu vais encontrar o amigo do teu pai?

DANIEL

Às duas... A que horas é o teste?

MIM

Criança é tudo igual, em qualquer lugar,
não é?

LUCAS

Duas e meia.

DANIEL

Nos encontramos no Viaduto da Borges
às cinco e meia, então.

CENA 82 – BAR DO MERCADO PÚBLICO – INT/DIA
MARCELO LOPES, 45 anos, está sentado numa
mesa de um pequeno bar, bebendo um *cruza-*
dor-belgrano (coquetel de vodca com menta).
Daniel chega.

147

MARCELO

Mas olha quem tá aí, Daniel Vaz em pessoa.

DANIEL

Oi.

MARCELO

O que vai tomar? Um *cruizador-belgrano*, claro.

Daniel senta.

DANIEL

Não, obrigado, pode ser um suco de laranja.

MARCELO

Suco de laranja? Assim tu nunca vais ser um jornalista.

DANIEL

Eu não sou jornalista.

MARCELO

Ô, Polenta! Traz um suco de laranja (para Daniel) Mas certamente é canhoto e joga na ponta esquerda?

DANIEL

Sou canhoto, mas não jogo muito bem.

MARCELO

Como não joga muito bem? Teu pai foi o goleador do campeonato inter-sindical em 1989, fez 14 gols em 12 partidas. Aí resolveu cair fora e nós não ganhamos mais campeonato nenhum.

DANIEL

Tu era amigo do meu pai há muito tempo?

MARCELO

Como, *ERA?*... Eu *SOU* amigo do teu pai há muito tempo. Trabalhamos juntos na *Folha da Manhã*. Quer um bolinho de bacalhau? É bacalhau de verdade. O melhor bolinho de bacalhau do mundo.

DANIEL

Pode ser.

Marcelo faz sinal pro garçom.

MARCELO

Ô, Polenta, traz uma porção de bolinho de bacalhau. Até que ele se cansou de fotografar acidente de carro, filas do INPS, greve de ônibus... E resolveu virar herói internacional.

Garçom coloca o suco de laranja na mesa.

MARCELO

E eu tou aqui... completando bodas de prata com o *cruzador-belgrano*. Tim-tim.

149

Daniel saúda com o copo de suco.

CENA 83 – CASA DE MARCELO – INT/DIA

Um pequeno apartamento com muitos livros, pilhas de revistas e jornais. Uma escrivaninha com um computador e atulhada de papéis e livros. Daniel olha tudo com curiosidade. Marcelo separa alguns livros, papeladas, toma café e vai falando sem olhar muito para Daniel.

MARCELO

Cem mil dólares. Sabe o que é isto? O louco recusou um prêmio de cem mil

dólares por *princípios éticos*! Ainda se fossem quinhentos... Piada!

Enquanto fala, Marcelo vai colocando coisas sobre os braços de Daniel, que não responde: um livro de fotografias de Daniel-pai, papéis que recolhe numa grande pasta amarela, fitas de videocassete, catálogo de exposição, troféus. Daniel fica encantado com tudo aquilo. Marcelo lhe dá também algumas coisas absurdas, como uma máscara mortuária.

MARCELO

E pode levar isso aqui também.

DANIEL

Era do meu pai?

MARCELO

Não, mas pode levar.

Marcelo passa para Daniel uma velha câmara fotográfica Pentax, um tripé quebrado que fica com um pé sempre caindo.

MARCELO

Isso aqui come gente. Acho que teu pai não precisa mais dela.

Daniel pega a câmara com um certo receio. Coloca-a na mochila.

CENA 84 – DUQUE DE CAXIAS/VIADUTO DA BORGES – EXT/DIA

Daniel vem chegando apressado no viaduto da Borges, mochila nas costas e carregando a pasta amarela que Marcelo lhe passou, o tripé com um dos pés sempre caindo... Mim está debruçada na balaustrada do viaduto olhando em direção ao Mercado Público. Lucas, de costas para a balaustrada, vê Daniel se aproximar.

Eufórico, Daniel já chega falando.

DANIEL

Vocês têm que ver, o cara é um maluco. Me contou um monte de histórias do meu pai... Que uma vez meu pai se vestiu de árabe, botou turbante, aqueles panos todos e se misturou na multidão que estava em procissão pra Meca, só pra tirar umas fotos lá de dentro... E que isso é superarriscado, ele podia levar uma surra, se fosse descoberto, ou coisa pior... Mas ninguém desconfiou dele...

151

Daniel percebe que os outros dois não estão acompanhando o entusiasmo dele.

DANIEL

O que foi? Como é que foi o teste?

LUCAS

Os caras não me deixaram fazer o teste. Já tinham o meu histórico escolar, nem me deram a chance.

DANIEL

Eles não podem fazer isto.

LUCAS

Mas fizeram. O Padre Eusébio, além de me suspender, colocou a acusação no meu histórico.

DANIEL

Ele não pode fazer isto. Ele não tem prova nenhuma contra ti... E agora?

152

Lucas dá de ombros. Silêncio. Daniel olha no relógio.

DANIEL

Se a gente quiser pegar o direto tem que correr, faltam 20 minutos.

Mim vira-se e olha para Daniel.

MIM (PARA DANIEL)

Eu e o Lucas não vamos voltar hoje.

Daniel fica mudo. Olha para Lucas, que dá de ombros outra vez.

MIM

A gente vai ficar na casa de uma prima minha. Amanhã de manhã a gente volta.

Daniel fica sem reação por um momento. Não diz nada.

CENA 85 – ÔNIBUS/ESTRADA – EXT/ENTARDECER

Daniel no ônibus voltando para Pedra Grande, sozinho. No banco ao lado, a mochila e a pasta amarela. Música. Daniel tem o olhar fixo para fora do ônibus. O ônibus vai abandonando a cidade, passa pelo muro do Trensurb, pela periferia e pega a estrada.

153

MARIA CLARA (V.S.)

O Universo tá desaparecendo. Dentro dele tem um negócio chamado entropia, que eu não tenho nem ideia do que seja, mas que é um pouco parecido com confusão.

CENA 86 – APARTAMENTO DA PRIMA/SALA – INT/ENTARDECER

Num pequeno apartamento do centro de Porto Alegre, com decoração funcional, sem muitos móveis e nenhum enfeite, Mim abre a porta lentamente. Não tem ninguém no apartamento.

MARIA CLARA (V.S.)

E tudo que acontece no Universo, mesmo que pareça calmo e tranquilo, tá sempre aumentando essa confusão.

Mim e Lucas entram, observando tudo. Lucas se interessa por um brinquedinho de metal. Impulsiona uma das alavancas do brinquedinho que faz uma bolinha girar sem parar.

MARIA CLARA (V.S.)

Isso eu já sabia, mas o que os cientistas descobriram é que essa confusão vai continuar crescendo, crescendo, crescendo...

154

Mim abre a janela. Um lindo entardecer do centro da cidade. Lucas se aproxima da janela, coloca as mãos no peitoril. Mim coloca a mão dela sobre a dele. Lucas dá um leve sorriso. O brinquedinho continua girando.

MARIA CLARA (V.S.)

... até que não vai caber mais confusão nenhuma em universo nenhum. Aí, sem confusão, não vai existir mais nenhuma estrela, nem o sol, nem a gente.

CENA 87 – ÔNIBUS – EXT/ENTARDECER-NOITE
Pela janela do ônibus, uma paisagem cada vez mais rural. Daniel permanece com o olhar vago, olhando sem ver a paisagem que passa pela janela.



Lucas / Eduardo Cardoso e Mim / Bianca Menti

MARIA CLARA (V.S.)

Só que os cientistas também dizem que a gente não precisa se preocupar com essa confusão toda por enquanto. E eu acho que eles têm razão. Mas vai tentar explicar isso pra um adolescente...

CENA 88 – APARTAMENTO PRIMA / COZINHA/
SALA – INT/NOITE

Lucas prepara dois copos de achocolatado e duas torradas superincrementadas. Leva para a sala numa bandeja improvisada. Mim arruma uma grande cama na sala, como se fosse um acampamento diante da televisão.

156

CENA 89 – RODOVIÁRIA DE S.PEDRO – EXT/NOITE

Um fusca cor de quindim bastante velho estacionado na rua, à noite. Dentro dele estão Beto, no copiloto; TIJOLO, 18 anos, com a pele cheia de perebas, na direção; e CASCÃO, 17 anos, com grandes olheiras, no banco de trás. No rádio do carro, um funk muito bagaceiro.

Os três olham, na expectativa, para fora do carro. Pelas falas, percebemos que eles já estão bastante alcoolizados.

TIJOLO

Qualé, Beto! Não sai mais ninguém desse ônibus.

BETO

Calma, elas vão sair por último, pra não dar bandeira.

CASCÃO

Já saiu todo mundo. O ônibus tá indo embora.

Do outro lado da rua, o ônibus parado, a rodoviária vazia. O motorista sobe no ônibus.

BETO (F.Q.)

O Mijada me falou, ele já cansou de encontrar elas aqui: a Dulcineia e a Fofa, sempre, todo domingo de noite; a Dois-pila, de vez em quando.

157

No fusca, Cascão se dá conta de alguma coisa.

CASCÃO

Encontrar elas aqui, quando?

BETO

Domingo de noite. Elas vão trabalhar nas boates de Caxias no fim de semana, e voltam pra casa domingo.

CASCÃO

Mas hoje é sábado, imbecil!

TIJOLO

Hoje é sábado, idiota!

BETO

Caracas, hoje é sábado! Por que vocês não falaram isso antes?

O ônibus acelera, fazendo muito barulho. Beto se vira para o banco de trás.

BETO

Ô, Cascão! Me dá o *Senhor Wilson* aí.

Cascão, irritado, praticamente joga a garrafa de *Senhor Wilson* para Beto, que se atrapalha para pegar. É uma garrafa de refrigerante 2 litros com um *coquetel* dentro. O ônibus dá ré. Tijolo liga o carro. Beto olha para a rodoviária.

158

BETO

Calma aí, Tijolo. Segura o carro. Eu falei pra vocês que a gente ia ter diversão essa noite...

O ônibus sai, passando na frente deles. No único banco da rodoviária vazia (que antes estava escondido pelo ônibus), há uma pessoa sentada: é Daniel, com sua mochila e a pasta amarela. Tijolo estaciona o carro ao lado da rodoviária.

BETO (F.Q.)

Ô, Presunto! O que tu tá fazendo aí? Tá vindo de onde?

Daniel olha na direção do carro, mas não responde.

TIJOLO (F.Q.)

Garanto que tava em Caxias, na Holigrudi.

CASCÃO

Só se tava estudando na Holigrudi.

TIJOLO

Entra aí, Daniel. A gente te dá uma carona.

CENA 90 – APARTAMENTO PRIMA/SALA – INT/
NOITE

Mim e Lucas estão lado a lado, sentados/quase deitados no tapete da sala, com um cobertor até o peito. Tomam achocolatado, comem torradas, veem televisão.

Lucas coloca seu copo e prato na bandeja ao lado, tira o copo e prato de Mim. E começa a *desenhá-la* com o dedo. Faz todas as curvas do rosto e desce para o pescoço, ombro. Mim sorri e fecha os olhos.

BETO (F.Q.)

Ihh, isso tá com cara sabe de quê? *Olham* pra cara dele: o que é que ele tem?... O que é que ele tem, hein?

CENA 91 – FUSCA QUINDIM – EXT/NOITE

No banco de trás do carro em movimento Cascão passa a garrafa de *Senhor Wilson* para Daniel. Daniel pega a garrafa e toma um gole.

BETO, CASCÃO E TIJOLO (EM CORO)
DOR DE CORNO!

Daniel permanece impassível enquanto os três falam sem parar.

BETO

Cara, eu sei porque eu fiquei bem assim quando a Míriam me largou.

160

CASCÃO

A Míriam nunca foi tua namorada, Beto, como que ela pode ter te largado?

TIJOLO

Cara trovador...

Daniel continua sem reagir.

BETO (F.Q.)

Já sei. Ela foi contigo pra Caxias e tu voltou sozinho?

CASCÃO (F.Q.)

Filha da mãe!

Daniel toma outro gole, não responde nem reage à versão que os três vão criando.

BETO (F.Q.)

Tá, mas sozinha ela não ficou por lá.

TIJOLO

Achou um gringo...

BETO

... que já convidou ela pra comer um galeto...

TIJOLO

...tomar uma graspa.

CASCÃO

Filha da mãe!

BETO

Olha aqui, eu não acredito! Tu deixou a tua namorada, em Caxias, com um gringo filho da...?

CASCÃO

Oh, Beto, respeita a mãe do gringo.

O carro freia bruscamente. Daniel é jogado para a frente.

Na praça central da cidade, o fusca quindim de Cascão está terminando de dar um cavalinho de pau. Em seguida, segue em outra direção.

Dentro do carro, Daniel, já meio alcoolizado, tenta dizer alguma coisa.

DANIEL

A Mim não é minha namorada. E o Lucas...

BETO

O Lucas? Tu perdeu aquela, humm ...

Beto imagina alguma coisa e se delicia enquanto pensa em algo delicioso.

CASCÃO (F.Q.)

Uva madura.

162

TIJOLO

Ameixa-roxa.

CASCÃO

Bala azedinha.

TIJOLO

Amendoim doce.

BETO

... praquele chinelão!

CASCÃO

O Lucas é um filho da puta!

Daniel desiste de falar.

TIJOLO (F.Q.)

Filho da puta e ladrão.

BETO (F.Q.)

Filho da puta, ladrão e chinelão. Mas olha aqui: isso que a Mim fez contigo foi uma sacanagem muito pior do que se fosse um gringo, muito pior do que a sacanagem que a filha da mãe da Lucinha fez comigo.

Daniel pega a garrafa. Toma outro gole, faz uma careta.

TIJOLO (F.Q.)

Não era a Míriam?

163

CASCÃO (F.Q.)

Nem uma nem outra. Esse cara tá inventando.

O carro freia bruscamente de novo, agora jogando Daniel com ainda mais força em direção ao banco da frente, derramando a bebida.

Em outra rua da cidade, o fusca termina de dar outro cavalinho de pau.

CASCÃO (F.Q.)

Pô, Daniel! O Senhor Wilson não!

O fusca segue em outra direção.

Dentro do carro, Daniel, atrapalhado, tenta pegar a garrafa no chão. Em vez disso, encontra a pasta amarela. Tenta limpar ela com a manga da camisa.

BETO (F.Q.)

Olha aqui, tem outra garrafa ali atrás...

TIJOLO (F.Q.)

Onde?

CASCÃO (F.Q.)

Eles já tinham ido juntos pra Caxias?

BETO (F.Q.)

Ali no... bosta, não é mata-moscas, no...

CASCÃO (F.Q.)

Eles tinham combinado sem tu saber?

BETO (F.Q.)

No tira-manchas, não... Putz, como é o nome desse negócio?

CASCÃO (F.Q.)

E tu achou que tudo bem?

TIJOLO (F.Q.)

O porta-malas?

BETO (F.Q.)

Cacete! Ô, Cascão, pega a bosta da outra garrafa na merda do buraco do porta-malas.

Daniel tem que dar espaço para que Cascão se vire, se ajoelhe no banco e pegue a garrafa no porta-malas.

TIJOLO (F.Q.)

Essa guria é uma vaca mesmo!

CASCÃO (F.Q.)

Vaca, cachorra, vadia, sem-vergonha!

Cascão passa a garrafa para Daniel. Neste momento, o carro freia de novo, agora violentamente, fazendo muito barulho. Daniel derruba a outra garrafa.

Na rua, o carro está batido de frente num latão de lixo.

CENA 92 – APARTAMENTO PRIMA/SALA – INT/
NOITE

Mim e Lucas se beijam com desejo, meio atrapalhados. Lucas esbarra na bandeja, derruba os copos. Lucas levanta apressado para limpar. Mim ri e puxa ele de volta.

CENA 93 – TORRE DA IGREJA – EXT/NOITE

Daniel, sentado com as costas em uma parede, termina de virar o último gole de uma garrafa

de bebida. Passa a garrafa para Cascão, sentado ao seu lado. Ao fundo, Beto canta um funk bagaceiro, enquanto Tijolo discursa, imitando um apresentador de programa de TV *undo cão*.

BETO (F.Q.)

Mulher é tudo égua, a gente tem que montar...

TIJOLO (F.Q.)

Ela sabia, ela sempre soube que este homem era apaixonado por ela. Ele deu a ela os melhores dias de sua curta vida.

166

Daniel fecha os olhos, completamente tonto. Tijolo tenta beber, mas a garrafa está vazia. Tijolo joga a garrafa vazia em direção a uma abertura à sua frente. Mas a garrafa parece se projetar no vazio. Só então Daniel percebe onde está.

DANIEL

Como é que a gente veio parar aqui?

TIJOLO

(sem prestar atenção) Aqui onde?

Só agora vemos que os quatro estão sobre a torre da igreja, ao lado do sino. Daniel e Cascão estão sentados. Tijolo, com um falso microfone

na mão, continua apresentando seu *programa*. Beto improvisa uma coreografia bagaceira para acompanhar o funk.

BETO

Ela vai querer mandar, ela vai querer mandar...

CENA 94 – FRENTE DA CASA DE DANIEL – EXT/NOITE

O fusca cor de quindim se afasta, fazendo muito barulho, descobrindo Daniel, parado, na frente da sua casa, com a mochila nas costas e a pasta amarela na mão, e ainda o tripé quebrado com um pé sempre caindo.

Daniel olha pra um lado, pro outro e começa a tatear os bolsos, à procura da chave de casa.

167

CENA 95 – CASA DE DANIEL/SALA/CORREDOR – INT/NOITE

Daniel chega em casa trôpego, arrasado, com a mochila e o material do pai na mão. Na sala, Maria Clara segue na montagem do quebra-cabeça.

MARIA CLARA

Chegou meu meio-irmão, que era monstro e agora...

Maria Clara olha pra Daniel. Daniel abre um sorriso exageradamente falso. Maria Clara pega o

controle remoto e tira o som da TV. Daniel fecha a cara novamente.

MARIA CLARA

... tá muito esquisito.

Daniel segue para o banheiro.

De dentro do banheiro, escuta-se Daniel falando. Depois barulho de água. Maria Clara espantada.

DANIEL (F.Q.)

Merda, merda, merda!

Maria Clara resolve conferir. Vai até a porta. Bate. Daniel não responde. Ela resolve gritar.

168

MARIA CLARA

Ficou louco, Daniel?

DANIEL

Louco... só se for de amor!

Daniel sai do banheiro com o rosto e a camiseta toda molhada. Tem o cabelo todo bagunçado. Algumas lágrimas malsecas no rosto. Ele caminha trôpego em direção à irmã. Maria Clara desvia, deixando-o passar. Acompanha-o sem entender o que está acontecendo.

DANIEL

Clarinha, nunca te apaixona por mulher nenhuma.

MARIA CLARA

Eu, hein?

Maria Clara retoma a montagem do quebra-cabeça sentando no chão ao lado de Daniel.

DANIEL

É horrível. É a pior coisa que pode acontecer com uma pessoa.

MARIA CLARA

Ih, Daniel, que bafo...

Daniel se atira no sofá.

DANIEL

O amor é uma droga! o amor é...

169

Não consegue completar a frase, se levanta do sofá e vai correndo de volta ao banheiro.

MARIA CLARA

Ai, Daniel, que nojo!

CENA 96 – CASA DE DANIEL/BANHEIRO, CORREDOR – INT/NOITE

Debruçado na privada, Daniel vomita.

DANIEL

Tou morrendo... Maria Clara, pelo amor de Deus, chama uma ambulância...

MARIA CLARA (F.Q.)

Eu não!

CONT. CENA 95 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/
NOITE

Maria Clara monta seu quebra-cabeça.

MARIA CLARA

(falando pra si mesma) Quero mais é que
tu morra!

DANIEL (F.Q.)

Chama logo, pô! Eu tou morrendo.

170

Maria levanta e vai até o banheiro.

CONT.CENA 96 – CASA DE DANIEL/BANHEIRO,
CORREDOR – INT/NOITE

Maria Clara chega à porta do banheiro. Fica
impressionada com o que vê.

MARIA CLARA

Ih, Daniel. Acho que tu tá morrendo mes-
mo. Vou ligar pra mãe.

Maria Clara vai até a sala, disca com o telefone
sem fio. Volta ao banheiro. Daniel tenta se er-
guer, não consegue, sente novas ânsias, retorna
à privada e ruidosamente vomita.

MARIA CLARA

Tá fora de área. Não morre ainda, Daniel, por favor. Não quero ficar sozinha com um morto dentro de casa.

Daniel, já cansado, senta ao lado da privada. Os espasmos continuam. Maria Clara consegue completar a ligação.

MARIA CLARA

Mãe, o Daniel tá morrendo. Tá dando aqueles pulos que o Dico deu antes de morrer... Chegou, né, mãe... Não sei... Tá.

Desliga o telefone.

171

MARIA CLARA

Ela tá aqui em frente de casa. (Tapando o nariz) Tu já tá ficando podre.

Elaine surge apressada pelo corredor, acompanhada por Antônio. Ao ver o filho debruçado na privada, se assusta.

ELAINE

Daniel! Onde é que tu tava? O que aconteceu?

MARIA CLARA

Ele já chegou assim... esquisito.

Elaine tenta levantar o filho, não consegue. Antônio se aproxima, preocupado. Troca um olhar cúmplice com Elaine. Toma conta da situação.

ANTÔNIO

Prepara um chá de boldo bem forte!
(para Maria Clara) E tu ajuda a tua mãe.

Elaine sai, acompanhada de Maria Clara. Antônio olha o garoto caído. Arregaça as mangas da camisa, ergue Daniel. Leva-o para dentro do box. Abre a ducha. A água atinge forte o rosto de Daniel. Ele resmunga e se debate, mas está muito fraco para opor qualquer resistência.

172 CENA 97 – APARTAMENTO PRIMA/SALA – INT/
NOITE

Lucas e Mim deitados, cobertos, assistindo à televisão.

LUCAS

Onde vão parar os balões a gás?

MIM

Não sei.

LUCAS

Quantos balões a gás tu já viste subindo?

MIM

Muitos.

LUCAS

E quantos já viste caindo?

MIM

Nenhum.

LUCAS

Então?

CENA 98 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/NOITE
Daniel está deitado. Antônio se aproxima com uma xícara. Ajuda o garoto a beber. Ele recusa, mas Antônio insiste. Ele bebe, numa careta.

DANIEL

Ainda bem que ninguém me fotografou, assim pode ser que eu esqueça este dia.

173

ANTÔNIO

Então eu vou fotografar pra ver se tu nunca esquece.

DANIEL

Tu nunca tomou um porre?

ANTÔNIO

Na tua idade, não. Boa-noite.

Apaga a luz e deixa o quarto. Mas Daniel não consegue dormir. Ele finalmente chora. Tenta dormir, não consegue.

Abandona a cama, vai até a escrivaninha, liga o computador. A luz do computador fere seus olhos, mas ele escreve. Na tela, o início da carta sendo escrita:

Daniel,

O cursor volta e apaga. Daniel pensa e escreve novamente:

Pai, tu é canhoto?

O cursor volta e apaga o fim da frase que é reescrita:

Pai, tu já tomou um porre?

Daniel olha pra tela. Novamente o cursor apaga a frase. Daniel escreve novamente. Na tela do computador:

Pai, por que...

Daniel fica um tempo olhando para a tela do computador. Mas não chega a completar a frase.

CENA 99 – CABANA – INT/NOITE

Sentado na cama, Daniel-pai tem nas mãos uma carta aberta.

Daniel-pai se ergue da cama, caminha com fraqueza até a janela. Chega à janela, olha a paisagem. Tudo parece calmo.

Ele procura nos bolsos um maço de cigarros, acha um último cigarro, acende e fuma. Daniel-pai se volta pra mesa e prepara uma máquina digital sobre um tripé. Senta na frente e começa a falar.

DANIEL-PAI

Eu não te abandonei, Daniel. Se abandonei alguma coisa, foi uma vida. Deixei tanta coisa pra trás que nem sei por onde começar. O que eu fiz foi uma escolha, a minha escolha. Não me arrependo. Acho que não me arrependo... mas sinto muito.

CENA 100 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/NOITE
Daniel, de pijama, olha as coisas que Marcelo lhe deu. Abre uma caixa. Muitas fotos. Fotos de modelos. Fotos de Elaine.

DANIEL-PAI (V.S.)

Eu não aguentava mais fotografar para vender jornal ou sabonete. E decidi largar tudo e sair fotografando o que fizesse diferença pra humanidade, ou sei lá pra quem.

175

Elaine com 18 anos. Ela posa e sorri para a câmara. Estouro do flash. Som de porta abrindo.

DANIEL-PAI (V.S.)

Foi mais ou menos nessa época que eu conheci a tua mãe. Ela era linda e eu a convenci de posar pra eu fotografar. Bom jeito de conquistar uma menina, não acha?

Sequência de fotos de Elaine. No começo, fotos posadas de anúncio, que, aos poucos, vão virando fotos mais íntimas, domésticas. O sorriso de Elaine vai mudando também: no começo o *sorriso-colgate* típico de modelo, depois o sorriso cúmplice de alguém íntimo e apaixonado. Som de fotos sendo tiradas muito rapidamente.

ELAINE (F.Q.)

Posso entrar?

Sequência de fotos muito de perto de Elaine jovem acordando, sorrindo. As fotos são vistas na ordem em que foram tiradas, e com um ritmo cada vez mais rápido, criando a sensação de movimento.

176

Os enquadramentos das fotos vão ficando mais abertos. Elaine jovem de calcinha e camiseta deitada numa cama no chão de um apartamento quase vazio, apenas alguns livros e pôsteres. Numa parede perto da cama, muitas fotos de Elaine numa passeata de estudantes: *fora Collor*. Elaine levanta, se aproxima da câmara empurrando o fotógrafo para fora do quarto e fecha a porta.

No quarto de Daniel, Elaine olha as fotos enquanto fala. Conforme as fotos que vê, ela vai lembrando de coisas, mas numa ordem um pouco aleatória.

ELAINE

Daniel nasceu com uma máquina pendurada no pescoço.

DANIEL

Quem, eu?

ELAINE

Não, teu pai.

CENA 101 – CABANA – INT/NOITE

Daniel-Pai arruma a câmara fotográfica digital mais uma vez. Novo arquivo. Continua gravando seu depoimento.

177

ELAINE (V.S.)

Ele acreditava que ia mudar o mundo com uma máquina de fotografia e um monte de negativo preto e branco.

DANIEL-PAI

Uma agência francesa me chamou para cobrir os conflitos entre árabes e israelenses. Aceitei na hora. Era a minha chance de chegar mais perto. Liguei pra Elaine pra contar a novidade, mas ela também tinha uma novidade.

CENA 102 – VIADUTO DA BORGES/DUQUE DE
CAXIAS – EXT/DIA

Fotos de Elaine jovem se aproximando do viaduto da Borges. Elaine triste.

ELAINE (V.S.)

Eu podia ter ido com ele. Estava apaixonada, e não era um momento muito bom pra se viver no Brasil.

CENA 103 – CABANA – INT/NOITE

DANIEL-PAI

Elaine me disse que estava grávida e que estava decidida a ter o filho.

178

CENA 104 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/
NOITE

ELAINE

Mas eu tava grávida. E não queria que meu filho crescesse sem uma casa e no meio de um monte de bomba.

CENA 105 – VIADUTO DA BORGES/DUQUE DE
CAXIAS (FLASHBACK) – EXT/DIA

Elaine jovem e Daniel-pai jovem em cima do viaduto. Elaine, de costas, debruçada na balaustrada, olha pra baixo. Daniel olha pro outro lado. Carros passam na frente deles. A cada carro

que descortina a cena, Daniel-pai e Elaine estão em posição diferente. Depois da última cortina, Elaine está sozinha na balaustrada do viaduto.

DANIEL-PAI (V.S.)

Eu expliquei a ela que não tinha nada contra ter filho, mas que tinha absolutamente tudo contra ser pai. Pelo menos naquele momento.

CENA 106 – CASA DE DANIEL / QUARTO – INT/
AMANHECER

ELAINE

Num dia eu tava apaixonada, cheia de planos, no outro eu tava sozinha, sem emprego e com um filho na barriga.

179

CENA 107 – TABLE TOP

Daniel olha umas fotos de guerra. Sons de guerra se misturam com choro de criança.

DANIEL-PAI (V.S.)

Entenda, meu filho, eu estava indo para o Oriente Médio. O pau comendo, bala voando de tudo que é lado, bombas explodindo. Um fotógrafo não pode ter medo.

CENA 108 – CABANA – INT/DIA

Daniel-pai continua gravando seu depoimento para a câmara.

DANIEL-PAI

Um pai não pode deixar de ter medo.
Que pai pode suportar a ideia de ter um
filho órfão? Eu não podia ser pai, Daniel.

CENA 109 – RUÍNAS – INT-EXT/DIA

Daniel-pai tira fotos freneticamente. Tiros, explosões, sirenes, fumaças de poeira. Daniel tenta se proteger contra uma parede. Termina um rolo, troca, recarrega a câmara como se fosse a munição de uma arma. Nervosismo e excitação. Segue fotografando.

Somente agora vemos o que ele fotografava: dezenas de corpos empilhados, abandonados numa vala comum. Ou um único corpo es-traç-a-lhado. Ou uma criança assustada no meio de um tiroteio. Daniel fotografa.

Daniel para de fotografar e olha em volta. Somente agora parece se dar conta do que está fotografando.

CENA 110 – CASA DE DANIEL / QUARTO – INT/ AMANHECER

ELAINE

Eu não pedi que ele ficasse. Seu pai seria muito infeliz aqui. Eu seria muito infeliz fora daqui. E eu achava que ele ainda ia voltar.

CENA 111 – HOSPITAL – INT/DIA

Daniel-pai atravessa os corredores de um hospital improvisado. Chega à porta de uma enfermaria. Daniel ergue a câmara, se prepara para fotografar, se detém. São crianças feridas, assustadas. Daniel abaixa a câmara. Dá uma última olhada nas crianças. Sai.

DANIEL-PAI (V.S.)

Em Angola, Daniel, vi escolas onde poucas crianças tinham as duas pernas. Todas as outras tinham as pernas amputadas por uma mina. Daquelas que explodem quando a gente pisa. E que podem estar em qualquer lugar. Que você acha disso? Você vai jogar bola, vai ao supermercado comprar leite, ou vai na casa da namorada e dá azar, pisa onde não devia.

181

CENA 112 – CABANA – INT/NOITE

Daniel-pai continua gravando.

DANIEL-PAI

Teu pé ou tua perna vai para os ares. E a agência me pressionando porque os jornais precisavam destas fotos pra edição do dia. E de repente me dei conta que de novo eu tava fotografando pra vender mais jornal. Que ninguém tava realmente preocupado

com aquelas crianças. Que o futuro delas não dependia das minhas fotos.

CENA 113 – HOSPITAL – INT/DIA

Daniel-pai abandona o hospital.

DANIEL-PAI (V.S.)

Disse para a agência que, se quisesse as fotos, mandasse outro. Pensei até em desistir da fotografia, mas ia ser impossível. Não sei fazer outra coisa. Estava numa encruzilhada.

CENA 114 – CASA DE DANIEL / QUARTO – INT/
AMANHECER

182 Elaine vai até a janela aberta. Os funcionários da fábrica da madeireira já estão chegando e largando suas bicicletas em frente à sua casa. Elaine observa os funcionários. Seu João, atrasado, larga a bicicleta correndo e entra na fábrica.

DANIEL

Por que tu nunca me disse que ele me mandou um presente?

ELAINE

Foi muito tempo esperando... e tu ainda acreditava em Papai Noel.

Daniel sorri.

CENA 115 – TEMPLO BUDISTA – EXT/DIA

Templo budista. Alguns monges rezam no lugar. Daniel-pai, mais envelhecido, entra no templo, a câmara fotográfica pendurada no pescoço. Acomoda-se num canto e apenas observa. Os monges parecem ignorá-lo.

DANIEL-PAI (V.S.)

Foi quando eu resolvi criar este projeto, *Antes que o mundo acabe*. Isso me fez seguir vivendo.

Uma criancinha brinca perto de Daniel. Ele repara na criança. Ela sorri amistosamente para ele. Ele a enquadra e, finalmente, fotografa.

CENA 116 – CASA DE DANIEL / QUARTO – INT/
AMANHECER

Os portões da fábrica são fechados. Elaine fecha a janela.

ELAINE

Agora vai dormir. O dia já amanheceu.

Elaine dá um beijo em Daniel, sai do quarto. Daniel olha o teto, pensativo. Seus olhos começam a fechar de sono.

CENA 117 – APARTAMENTO PRIMA / PORTO
ALEGRE – INT/DIA

Lucas abre a janela do apartamento. Olha em volta. A luz da manhã ilumina os diversos pré-

dios de apartamento que ele consegue enxergar. Uma vista completamente urbana. Atrás dele, Mim levanta e vem até a janela.

LUCAS

Acho que é bom morar numa cidade onde ninguém sabe quem tu é.

MIM

Talvez. Vamos embora, se não a gente só vai pegar o pinga-pinga.

Mim volta para dentro do apartamento e começa a arrumar a cama. Lucas fica olhando para a cidade.

184 CENA 118 – CASA DE DANIEL / QUARTO – INT/DIA
Em seu quarto, Daniel pega a câmara fotográfica que Marcelo lhe deu. Tira várias fotos de seu quarto: o computador, os pôsteres, as roupas no chão. Na parede, uma espécie de colagem com as fotos de Daniel-Pai, formando um autorretrato fragmentado e com proporções incoerentes.

DANIEL (V.S.)

Pai, espero que tu estejas bem, que a febre tenha passado. Eu não tenho muita coisa pra te mandar, apenas umas fotos que fiz, olhando as coisas aqui ao redor, na minha cidade.

Daniel pendura a máquina no pescoço e sai.

CENA 119 – CASA DE DANIEL/SALA – INT/DIA /
FOTOS EM TABLE-TOP

Maria Clara, no sofá, olha pra Daniel e faz uma careta. Uma sequência de fotos: Maria Clara sorrindo, simpática. Novamente, fazendo uma careta. Som da cena.

DANIEL (V.S.)

Essa é minha irmã, Maria Clara...

MARIA CLARA

Meia-irmã!

DANIEL (V.S.)

... às vezes tenho vontade de estrangular... mas só a metade das vezes...

185

Elaine em alguma situação doméstica.

DANIEL (V.S.)

Lembra dela? Continua bonita como antes?

Antônio, na cozinha, preparando pão.

DANIEL (V.S.)

Antes que tu fique animadinho com minha mãe, informo que este bonitão aí é o dono do coração dela. Sem chances.

CENA 120 – CIDADE – EXT/DIA

Daniel caminha pela cidade e fotografa. Ruas da cidade, loja de bicicletas... Os mesmos lugares por onde ele passou outras vezes agora são vistos de forma mais atenta.

DANIEL (V.S.)

Essa é minha cidade. Não mudou muito desde a última vez que tu viste, eu acho. Já era o Lelo que arrumava as bicicletas? Uns acham ela feia, outros acham fria. Eu gosto daqui. Mas, no ano que vem, tenho que ir embora. Todo mundo vai embora quando termina a oitava série. Quer dizer, todo mundo que pode...

186

Daniel, parado de pé na rua, observa uma foto que tem na mão esquerda. Com a direita, aponta sua câmara para fora de quadro, volta a conferir na foto. Dá dois passos para a frente, um para o lado, confere novamente a foto na mão. Finalmente, fotografa.

CENA 121 – ESCOLA/VÁRIOS AMBIENTES – INT-EXT/DIA

Daniel observa a escola pelo visor da câmara. As escadas. O piso. Detalhes do prédio. Os colegas descendo a escada. Os professores, flagrados distraidamente.

DANIEL (V.S.)

E essa é a minha escola... Eu passei tanto tempo aqui que nem presto mais atenção no que ela tem de bonito ou de feio.

Mim desce a escada. Daniel a enquadra. Mim se aproxima da câmara e desce o outro lance da escada, afastando-se.

DANIEL (V.S.)

Essa daí é a Mim... ela é minha namorada, ou melhor, era... eu gostava muito dela. Ou melhor, ainda gosto. Acho que gosto. Acho que vou gostar sempre. Sei lá.

Daniel enquadra o Padre Eusébio, que se aproxima subindo a escada.

187

DANIEL (V.S.)

Este é o Padre Eusébio.

Um HOMEM de bigode sobe a escada ao lado do Padre Eusébio.

DANIEL (V.S.)

Este homem de bigode eu não sei quem é.

Ao lado do Homem de bigode surge Elaine.

DANIEL (V.S.)

E esta... Tu já conhece.

Daniel baixa a câmara desvendando todo o cenário, escada com a porta de entrada ao fundo, Padre Eusébio, o homem de bigode e Elaine parados e olhando para ele.

PADRE EUSÉBIO

Daniel. Nós precisamos conversar.

Daniel, no primeiro lance da escada, com a câmara na mão, não reage.

CENA 122 – SALA DO PADRE EUSÉBIO – INT/DIA
Elaine e Daniel estão sentados em frente à mesa do Padre Eusébio. O Homem de bigode ocupa uma poltrona. O Padre Eusébio, de pé, se movimenta pela sala enquanto fala.

188

PADRE EUSÉBIO

Naquele dia, Daniel, na manhã seguinte ao roubo, você contou uma história que eu considerei inacreditável: você disse que foi o último a sair do laboratório, que o Lucas lhe deixou a chave, que você teve um... ataque de raiva, para se vingar do Lucas. Você quebrou tudo o que viu pela frente e foi embora. Você disse também, que eu me lembre, que não roubou nada. Você insiste em dizer que foi isso que aconteceu?

DANIEL

Foi isso que aconteceu.

PADRE EUSÉBIO

Naquela tarde... você ligou para alguém?
Do telefone do laboratório?

DANIEL

Liguei.

PADRE EUSÉBIO

Para quem?

DANIEL

Para a Mim. Para o celular dela.

PADRE EUSÉBIO

Mim.

189

ELAINE

A Jasmim, filha do Domingos e da Jaqueline.

PADRE EUSÉBIO

Sei. (para Daniel) Você ligou para ela
quantas vezes?

DANIEL

Uma só.

PADRE EUSÉBIO

Tem certeza?

DANIEL

Tenho.

PADRE EUSÉBIO

Você sabe o número dela de cor?

DANIEL

Sei.

Padre Eusébio mostra um papel com número de telefone.

PADRE EUSÉBIO

É este o número?

DANIEL

É.

PADRE EUSÉBIO

Bom... Neste caso, Daniel, eu vou ter que acreditar na sua história inacreditável. Isso, por um lado, é bom. É bom para o lado do Lucas. Você, Daniel, estava no laboratório, ao telefone, ligando para a Mim, exatamente às dezoito horas e quarenta e três minutos. E dois minutos depois, exatamente às dezoito horas e quarenta e cinco minutos, o Lucas estava dentro do ônibus para Caxias. Portanto... o Lucas não tem nada a ver com o que aconteceu.

O Homem de bigode observa Daniel.

PADRE EUSÉBIO

Agora... esta história é ruim para você, Daniel. Muito ruim. Você, depois do seu ataque de fúria, foi o último a sair do laboratório. Portanto... você passa a ser o maior suspeito do roubo.

ELAINE

O Daniel não roubou nada.

PADRE EUSÉBIO

Dona Elaine, eu tenho certeza que não. Eu vi a reação dele quando eu falei do roubo, ele não sabia de nada. *Conscientia mille testes*. A consciência vale por mil testemunhas. Plauto. Eu conheço o seu filho há mais de dez anos, ele é um bom menino.

191

ELAINE

Então...

PADRE EUSÉBIO

Então, somos todos honestos, mas a vaca... sumiu. Nós sabemos que, muitas vezes, a ocasião faz o ladrão. Provavelmente o que aconteceu foi que, ao ver a porta do laboratório aberta, as luzes

acesas, alguém aproveitou para cometer o furto. Mas isso, Daniel, não o torna menos responsável.

DANIEL

Eu sei.

PADRE EUSÉBIO

Menos mal que o seu telefonema serviu para inocentar o Lucas, isso é a prova de que a espada da justiça nunca fere o inocente. Por mim, ficava tudo como dantes no quartel de Abrantes. Mas todos nós temos as nossas obrigações: eu, em nome dos interesses do colégio, e o senhor Dulcídio Caldas, em nome dos interesses da seguradora.

192

O Padre Eusébio pega duas folhas de papel, com um texto datilografado, e uma caneta.

PADRE EUSÉBIO

Daniel, eu conversei com a sua mãe, ela me disse... me explicou que você está passando por ... questões familiares, conflitos... naturais da idade. Por mim este assunto se encerra aqui. O Lucas será, é claro, publicamente inocentado do roubo. O incidente não vai constar do seu histórico escolar, não se preocu-

pe. Para acabar de vez com este lamentável episódio...

O Padre Eusébio entrega a Daniel as folhas.

PADRE EUSÉBIO

... é só você, e sua mãe, é claro, assinarem esta declaração de que você provocou os danos do laboratório antes de sair, deixando a porta aberta.

O Padre Eusébio entrega a Daniel a caneta. Ele pega a caneta para assinar.

PADRE EUSÉBIO

E que ao deixar a escola os três computadores portáteis estavam no laboratório.

193

Daniel pega os papéis, olha para Elaine, olha para o Padre Eusébio, para o Homem da seguradora, impassível, observando Daniel.

Daniel volta a olhar para o papel, lê a descrição de três computadores portáteis, volta a olhar para o Padre e para Mãe.

PADRE EUSÉBIO

Os homens erram, os grandes homens confessam que erraram. Voltaire.

Elaine assente com um leve movimento de cabeça, Daniel volta a olhar para o Padre Eusébio

e para o Homem. Daniel assina o papel, as duas vias. Passa para Elaine. Ela assina as duas vias e entrega ao Padre Eusébio.

PADRE EUSÉBIO

*Si honesta sunt quae facis, omnes sciant.
Se são honestas as coisas que fazes, todos
as podem conhecer. Sêneca.*

O Padre Eusébio pega uma das vias e entrega ao Homem de bigode. Guarda a outra via num arquivo.

CENA 123 – CORREDOR

Padre se despede de Elaine e Daniel, na porta.

194

PADRE EUSÉBIO

*Caminhemos como de dia, honestamente.
Romanos, treze, treze.*

Elaine e Daniel saem pelos corredores do colégio, atrás deles, o Padre fecha a porta.

CENA 124 – RUAS DA CIDADE – EXT/DIA

Daniel e Elaine caminham pela calçada em silêncio, se afastando do colégio.

ELAINE

Somos todos honestos, mas a vaca sumiu.

DANIEL

Três vacas.

Daniel se afasta da mãe, atravessa a rua.

ELAINE

Onde tu vai?

Ele se afasta sem responder.

CENA 125 – RUAS DA CIDADE – EXT/DIA

Daniel corre pelas ruas da cidade.

CENA 126 – CASA DE LUCAS FRENTE – EXT/DIA

Daniel chega na casa de Lucas, entra pelo portão.

Bate na porta, abre cuidadosamente.

DANIEL

Lucas! Alguém em casa?

195

Daniel entra.

CENA 127 – CASA DE LUCAS/QUARTO – INT/DIA

Daniel entra no quarto do Lucas. Larga a máquina sobre a escrivaninha. Pega um pedaço de papel e escreve um bilhete.

Procura alguma coisa para prender o bilhete no mural. Na tomada logo ao lado da escrivaninha, o plug amarelo que Lucas pegou no Laboratório com um fio ligado. Daniel deixa o bilhete sobre a escrivaninha, segue o fio que vai até o armário. Daniel abre a porta do armário e vê o laptop da escola.

Daniel, atônito, não sabe o que fazer.
Nesse instante, Lucas chega. Vê Daniel, o armário aberto, o laptop lá dentro. Os dois ficam constrangidos.

DANIEL

(sem graça) Eu vim aqui pra dizer que acabei de assinar que os laptops estavam no laboratório.

LUCAS

(completamente sem graça) Obrigado.

Daniel vai saindo, sem dizer mais nada.

196

LUCAS

Daniel.

Daniel volta.

LUCAS

A tua máquina.

Daniel pega a câmara, fotografa Lucas e vai embora.

DANIEL (V.S.)

Este é o Lucas. Ele sempre foi o meu melhor amigo. E eu sempre admirei muito ele.

Lucas se aproxima da escrivaninha e lê o bilhete.

DANIEL (V.S.)

Lucas: Vim correndo pra cá. Os padres já descobriram que não foi tu que roubou os *três* laptops. Eles vão ter que engolir a humilhação que te fizeram passar e tu vai voltar por cima. A prova de química foi transferida pra quinta-feira. Daniel.

Lucas fica parado. Olha pela janela: lá fora, ainda é dia.

PADRE EUSÉBIO (F.Q.)

Errar é próprio do homem, perdoar é próprio de Deus.

197

CENA 128 – ESCOLA/AUDITÓRIO – INT/NOITE
Plateia do auditório do Colégio Dom Bosco. Na primeira fila, entre os alunos da oitava série, Mim, Lucas e Daniel.

PADRE EUSÉBIO (F.Q.)

O Colégio Dom Bosco tem a honra de homenagear nesta formatura o aluno Lucas Soares.

No palco, Padre Eusébio e outros membros da diretoria da escola. O Padre discursa. Lucas está visivelmente desconfortável.

PADRE EUSÉBIO

O tempo mata o erro e faz viver a verdade. E gostaríamos de dizer, em público, que desde sempre acreditamos na honestidade de Lucas, um dos nossos alunos mais brilhantes. Lucas sempre se dedicou e fez por merecer a bolsa por todos estes anos no Colégio Dom Bosco. Gostaria de convidar Lucas a subir aqui na frente.

MÃE DE LUCAS, toda arrumada, aplaude emocionada. A plateia toda aplaude, menos Daniel, Lucas e Mim. Lucas levanta e se dirige para o palco. Daniel se levanta e sai.

198 CENA 129 – PASSARELA DO PÁTIO DO COLÉGIO
– EXT/NOITE

Daniel sai do auditório e caminha tranquilamente pela passarela que leva à saída da escola. Mim vem ao seu encontro.

MIM

Tu não vai esperar pra receber o diploma?

DANIEL

Não.

Caminham em silêncio.

DANIEL

Tu já sabia?

MIM

O quê?

DANIEL

Tu já sabia que o Lucas tinha roubado o laptop?

MIM

Ele não roubou, Daniel.

DANIEL

(insistente) Sabia ou não sabia?

Mim não diz nada.

DANIEL

Quando a gente foi a Porto Alegre, tu já sabia?

199

Silêncio

MIM

O Lucas não ia roubar o laptop. Ele ia devolver no outro dia cedo... quando ele chegou na escola o laboratório tava todo quebrado. E os padres não deram a menor chance, já saíram chamando ele de ladrão...

DANIEL

Naquele dia, na beira do rio, tu já sabia?

MIM

E qual é a diferença de roubar três balas e roubar um laptop? Roubar três balas pode?

DANIEL

Sabia ou não sabia?

MIM

Sabia.

Daniel não olha mais para Mim, segue caminhando em silêncio.

Mim desiste de acompanhá-lo.

200

MIM

Eu vou voltar pra lá.

Daniel segue caminhando, desce a escada e sai da escola. O som do auditório vai ficando cada vez mais longe.

CENA 129A – ALTO DA ESCADARIA – EXT/DIA
Vista da cidade. Igreja e colégio ao fundo. Daniel contempla a cidade.

DANIEL (V.S.)

Quando tu morava aqui já existia Lambe-lambe?

CENA 130 – CABANA – INT/DIA

Sentado em sua cama, Daniel-pai observa as fotos do filho. Fotos que Daniel tirou, mais as fotos do Lambe-lambe.

DANIEL (V.S.)

Tu consegue imaginar o barulho desta foto? Te lembra do barulho da Praça Quinze? Aqui não existem famílias poliândricas.

Daniel-pai olha as fotos dos três tiradas pelo Lambe-lambe. Os três fazem caretas e o fundo bucólico não corresponde ao som da cena, que é de burburinho de cidade grande (som do entorno do mercado público em Porto Alegre, camelôs, vendedores de frutas e verduras, pregadores).

Daniel-pai pega uma das fotos que Daniel tirou, colorida, e a coloca ao lado de uma foto antiga, em preto e branco. É uma foto de Elaine jovem em Pedra Grande. A foto de Daniel é do mesmo lugar da cidade hoje, com o mesmo enquadramento.

Daniel-pai observa e pega outra foto. É uma que Daniel tirou de si mesmo. Daniel-pai olha-a. Levanta, vai até um espelho, coloca a foto ao lado do seu rosto e observa. Prende a foto na moldura do espelho, com um carinho novo, ainda desconhecido.

CENA 130 A – RUAS/FRENTE CASA DE LUCAS –
EXT/DIA

O carteiro Barão passa de bicicleta pela frente da casa de Lucas. No bagageiro, uma caixa. Lucas, à frente da casa, conserta a correia de sua bicicleta.

BARÃO

Dois a um.

LUCAS

Zero a zero.

Barão se afasta. Lucas continua arrumando a bicicleta.

202 CENA 131 – CASA DE DANIEL/FACHADA – EXT/DIA

O carteiro se aproxima da casa de Daniel. Faz sinal com a campainha da bicicleta. Para em frente à casa de Daniel. Toca a campainha de novo, insistentemente. Maria Clara vem atender.

CARTEIRO

Pro Daniel.

Maria Clara corre e pega uma caixa grande que está no bagageiro da bicicleta.

CENA 132 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/DIA
Daniel, sentado à mesa do computador, examina as fotos que tirou, em papel, na sua mão. Olha a foto que tirou de Lucas na casa dele.

Na foto, atrás de Lucas, o armário aberto e o laptop dentro. Daniel olha atentamente a foto. Rasga-a. Parada na porta, Maria Clara observa o irmão, curiosa.

MARIA CLARA

Tu não disse que ia me ajudar a terminar o quebra-cabeça? Falta bem pouquinho.

DANIEL

Depois.

MARIA CLARA

Se não ajudar, eu não te conto o que chegou pra ti.

203

DANIEL

O que chegou pra mim?

MARIA CLARA

Só conto se tu me ajudar.

DANIEL

Depois.

MARIA CLARA

Depois quando?

DANIEL

Depois! Conta logo o que chegou pra mim.

MARIA CLARA

Não sei, eu não abri. Deve ser uma bomba-relógio.

CENA 133 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/DIA
Daniel investiga um enorme embrulho sobre a cama. Encosta o ouvido na caixa. Olha o remetente, não se surpreende. Rasga o papel e abre o pacote.

Daniel tira do pacote uma câmara fotográfica digital profissional. Os olhos de Daniel brilham, maravilhados. Junto ao pacote, há uma nova carta. Daniel abre o envelope e lê.

DANIEL-PAI (V.S.)

Preparado pra virar fotógrafo de verdade?

204

CENA 134 – VISOR DA CÂMARA / CABANA – INT/DIA

No visor da câmara digital, Daniel-pai continua sua carta.

DANIEL-PAI

Resolvemos estender o *Antes que o mundo acabe* para as Américas. Provavelmente quando você receber esta câmara eu já esteja no México. Há muita coisa para a gente ver e fotografar por lá. Ficou surpreso com a notícia? Já é tempo de eu

ficar próximo de alguém que eu nunca deveria ter perdido de vista. Quer vir?

CENA 135 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/DIA
No visor da câmara: Imagem da cabana, agora com menos objetos espalhados e com duas grandes malas arrumadas.

Daniel mexe nos controles da câmara, à procura de outro arquivo de vídeo. Nada.

CENA 136 – FRENTE DA CABANA / FLORESTA / RIO – EXT/DIA

Daniel-pai se despede do monge budista com um forte abraço.

Daniel-pai atravessa o rio.

205

CENA 137 – CASA DE DANIEL/QUARTO – INT/DIA
Daniel retira do pacote um colete de fotógrafo, cheio de bolsos, para guardar lentes, rolos de filmes, etc. Daniel veste o colete, se aproxima do espelho do armário, para poder ver melhor. Posa, admirando o efeito. Se diverte com seu próprio reflexo.

A expressão de felicidade estampada no rosto de Daniel.

Daniel pendura a câmara no pescoço, olha-se no espelho, mira com a câmara, acerta o foco. Se fotografa. Estoura o Flash.

LUCAS (F.Q.)

Oi.

Lucas está parado na porta.

DANIEL

(meio sem graça) Meu pai me mandou.

LUCAS

Legal. (silêncio) Eu não ia roubar o laptop.

DANIEL

Eu sei.

206 Tempo. Lucas, bastante sem graça, pega uma bolinha de borracha pequena na mão e fica apertando.

DANIEL

O que tu vai fazer agora?

LUCAS

Não sei. *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.*

DANIEL

Há males que vem pra piorar.

LUCAS

Quem tem pressa come cru, quem não tem fica com fome.

DANIEL

O importante é ter dinheiro, mulher e bicho-de-pé.

LUCAS

Passarinho que come pedra, sabe o que tem.

Daniel sorri e tira uma foto de Lucas com a máquina nova. Lucas sorri.

CENA 138 – BEIRA DO RIO – EXT/DIA

Na beira do rio, Daniel fotografa. Ele contempla a beira do rio, com seu colete novo, vestido como um fotógrafo profissional. Sinos da Igreja tocam.

Daniel permanece admirando o rio. Passa o barco cheio de crianças. Elas atiram bolinhas em Daniel. Daniel se defende e tira foto das crianças. Tira uma foto de si mesmo sentado à beira do rio. Foto do rosto de Daniel na beira do rio se mistura com fotos do Daniel com Daniel-pai.

MARIA CLARA (V.S.)

Alô, Galera. Aqui estou entre os índios mais punks da América Central. E este grandão aí ao meu lado vocês podem imaginar quem é: o *Outro Daniel*. Ele é muito legal, mas não sabe fazer pão, nem cogumelos, nem sonhos.



*Daniel / Pedro Tergolina, Elaine / Janaína Kremer e
Antônio / Murilo Grossi*

CENA 139 – CASA DE DANIEL/QUARTO DE DANIEL, TABLE TOP – INT/DIA

Na mesma caixinha/televisão de brinquedo que iniciou o filme, agora aparecem imagens e cenário da América Central. O barco fotografado por Daniel em Pedra Grande. Passa por paisagens de Chiapas com Daniel. Daniel com Daniel-pai. E outras fotos já recortadas e coladas sobre um cenário pintado por Maria Clara.

MARIA CLARA

As orquídeas das florestas de Chiapas estão desaparecendo. Chiapas fica no sul do México. Tem uma grande floresta e muitos índios. E o meu meio-irmão, que ainda não dá descarga, mas que agora pensa que sabe fotografar, foi pra lá com o pai dele. E essa história tá acabando, como todas as histórias um dia acabam. E também os ursos negros, e a camada de ozônio, e as famílias poliândricas, e até o universo. Mas o Mundo, esse eu acho que não vai acabar nunca mais. Senão, já pensou quanta letri-
nha ia ter que aparecer no final?

209

CRÉDITOS FINAIS

FIM

O texto publicado neste livro é o roteiro final do filme *ANTES QUE O MUNDO ACABE*, tal como foi recebido e trabalhado pela equipe de filmagem, em novembro/dezembro de 2007. O texto passou por uma revisão em maio de 2010, mas apenas no que se refere a questões de ortografia e pontuação, homogeneização de nomes de personagens e locais, bem como a substituição de marcas por nomes genéricos. Não foi realizado nenhum trabalho de transcrição do filme pronto. As modificações ocorridas na filmagem, na montagem e na finalização não estão aqui, porque entendemos que elas fazem parte do filme, mas não mais do roteiro.

...tem uma delicadeza bem-humorada que vai encantando o espectador...

BASEADO NO LIVRO DE MARCELO C. CUNHA



Direção de Ana Luiza Azevedo

antes que o mundo acabe

A descoberta de que o mundo é muito maior do que a gente pensa.

PIETRO VERGOLINA EDUARDO CARDESO BIANCA NUNZI
CAROLINE ESTEVES EDUARDO TROVETIN JACQUINA KRUMER
MOURÃO GROSSI EM UM LIVRO DE MARCELO CUNHA DA CUNHA
"ANTES QUE O MUNDO ACABE" POR FRANK SPATZ
RÉGIA: JACOB SELLERBECK COOP. LEO MENDES
MONT. GERA ASSIS BRASILEIRO RITA TRASTORI
CORA: PROPAGANDA CRIATIVAS TINA MOURA SPITZER
PRÓD. PATRICIA FARIA STÉLIA AMARAL VIVIAN NUNZI GODOY
LUCIANA ITURSKI COOP. ANA LUCIA AZEVEDO GERA ASSIS BRASILEIRO
JURGE FORTAADO PAULO HALLM COOP. ANA LUCIA AZEVEDO

ank inc

A Bantissul

map

Oxakern

CEBRAT

20

UNIVERSIDADE

7

Pilla

BRIS 2

ORGANIZAT

BRASILEIRO

PERFORMAS

QUORCO

BRASILEIRO

BRASILEIRO

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

Ficha Técnica

Antes que o Mundo Acabe

(Brasil, 2009, 97min)

Produção

Casa de Cinema de Porto Alegre

Distribuição

Imagem Filmes

Roteiro

Paulo Halm

Ana Luiza Azevedo

Giba Assis Brasil

Jorge Furtado

213

Uma adaptação do romance homônimo de
Marcelo Carneiro da Cunha

Direção

Ana Luiza Azevedo

Produção Executiva

Nora Goulart

Luciana Tomasi

Direção de Fotografia

Jacob Solitrenick

Direção de Arte

Fiapo Barth

Direção Musical

Leo Henkin

Montagem

Giba Assis Brasil

Preparação de Elenco

Mirna Spritzer e Ângela Gonzaga

Cenografia

Rita Faustini

214

Figurino

Rô Cortinhas

Elenco

Pedro Tergolina / Daniel

Eduardo Cardoso / Lucas

Bianca Menti / Mim

Caroline Guedes / Maria Clara

Eduardo Moreira / Daniel-pai

Janaína Kremer / Elaine

Murilo Grossi / Antônio

Irene Brietzke / Dona Glória

Carlos Cunha Filho / Padre Euzébio

Mirna Spritzer / professora

Sérgio Lulkin / professor
Adriano Basegio / Marcelo
Daniel Confortin / Monge
Samuel Reginatto / Beto
Guilherme Valim / Tijolo
Braian Correia Lopes / Cascão
Luiz Fernando Barão / Barão
Carolina Muller / Dona Preta
Lelo Almeida / Lelo

Turma da escola: Bárbara Weschenfelder,
Bernardo Perini, Bruna Marques, Guilherme
Michels, Jehan Vargas, Lucas, Luiz Eduardo Gil,
Patrick Fagundes, Patrick Soares, Paula Porto,
Daniel Bracho, Dada, Mariana Muller.

215

O roteiro deste filme participou do
LABORATÓRIO SESC RIO DE ROTEIROS 2006

Colaboração no roteiro de Maria Clara Escobar

Direção

1ª Assistente de Direção: Janaína Fischer

2ª Assistente de Direção: Laura Mansur

Continuista: Guilherme Keenan

Produção

Direção de Produção: Nora Goulart

Equipe de Produção: Bel Merel e Beto Picasso

Assistente de produção: Glauco Urbim

Base Taquara: Laura Dias

Produção de Elenco: Patrícia Faraco e Sheila Amaral

Testes de elenco: Cynthia Caprara

Produção de Set: Marne Pereira e Marcelo Tchaca

Pesquisa de Locações: Marco Bajotto e Betânia Furtado

Assist. Prod. Executiva: Flávia Matzenbacher

216

Fotografia

1º Assist. Câmera: Carlão Firmino

2º Assist. Câmera: Glauco Firpo

Video Assist: Eduardo Lopes

Fotografia de cena: Fábio Del Ré

Fotos de Daniel-Pai: Ita Kirsch

Jailton Moreira

agência Reuters

Fotos lambe-lambe: Varceli de Freitas Filho

Making of: Márcio Schoenardie e Diego Martins

Eletricista Chefe: Guilherme Kroeff

Eletricistas: Volmar Beck

Paulo Roberto Silveira

Marcos da Silva

Maquinista Chefe: Everton Juba Machado

Maquinista: Maurício Leite

Arte

Maquilagem: Britney

Ass. Figurinos: Cacá Velasco

Produtor de Arte: Pierre Olivé

Ass. Prod. Arte: Luciana Urbani

Contra-regra: Lelo Almeida

Cenotécnicos: Marcos Antônio da Silva

Carlos F. Branquinho

Desenhos praxinoscópio: Denny Chang

217

Montagem

Assistente de Montagem: Lúcio Born

Telecine Offline: Laura Futuro

Coord. Finalização/SP: Ewa Wawelberg

Efeitos visuais

Computação Gráfica: Cápsula Cinematográfica

Coordenação: Alexandre Coimbra

Animação Abertura e Encerramento: Otavio

Feldens

Carlos Kulpa

Créditos Abertura: Otavio Feldens

Game 3D: Carlos Kulpa

Tiago Medeiros

Gabriel Oliveira

Efeitos: Zé Castro

Otavio Feldens

Coordenação: Mirela Cunha

Assistente: Daniela Israel

Animação digital: ESTÚDIO MAKAKO

animadores: Mathias Dalcol Townsend

Bernardo Assis Brasil

Som

Som Direto: Rafael Rodrigues

Microfonista: Douglas Vianna

Supervisão de Som: Kiko Ferraz

Edição de Som: Tiago Bello

Edição de Ambientes: Ricardo Costa

Assist. Edição de Som: Christian Vaisz

Gravação de Foley: Alexandre Kumpinski

Augusto Stern

Artista de Foley: Felipe Burger Marques

Edição de Foley: Fábio Sampaio

Coord. Estúdio de Som: Lísia Faccin

Música

Violão, Guitarra, Bateria,

Teclados e Samplers: Leo Henkin

Baixo: Luciano Albo

Teclado: Eduardo Bisogno

Programação de Samplers: Everton Rodrigues

Vocais: Luiza Caspary

Gravação das Músicas: Tiago Bello

Mixagem das Músicas: Kiko Ferraz

Christían Vaisz

Assistente de Gravação: Bruno Croda

Mixagem

Mixagem: Pedro Sergio

Masterização: José Luiz Sasso

Gerência Operacional: Daniel Sasso

Consultor Dolby: Carlos Klachquin

219

Base

Financeiro: Laura Enrich

Anísio Costa Guedes

Assessoria Jurídica: Régis Napoleão

Motoristas: Cristiano Seabra

João Carlos Rodrigues

Leandro Mercanti

Luis Fernando Collar

Marçal de Oliveira

Marne Pereira
Mauro Rebello
Olavo de Carvalho
Paulo Roberto Silveira

Teleimage

Intermediação Digital HD: LOGO TELEIMAGE

General Manager: Patrick Siaretta

Sup. Pós-produção e Efeitos: Marcelo Siqueira,
ABC

Consultor de Pós-produção: Alex Pimentel

Colorista: Marco Oliveira

Coord. Pós-produção: Karina Vanes

Mariana Zdravca

220 **Coord. de Efeitos:** Robson Sartori

Sup. Scan e Film Recorder: Ariel Wollinger

Scan HD: Claudio Colangelo

Telecine Offline: Luciano Martins

Regina Yokota

Efeitos Digitais: Daniel T. Muller

Eduarda Domenici

Gabriel Lúcio

Marcelo Ferreira "PJ"

Marco Prado

Ricardo Imbelloni Vitor

Rogério Marinho

Vanessa Mariano

Film Recorder: Anderson F. Penci

Carlos Eduardo Couto

Ricardo Imbelloni Vitor

Assist. Film Recorder: Washington Santos

Sup. de Laboratório: José Augusto De Blasiis,
ABC

Preparação: Fernanda Rosa

Luciana Valério

Vera Lúcia Machado

Revelação: Antonio Firmino

Emerson Roberto da Silva

Francisco Gomes

José Rivaldo

José Valdo

Responsável Químico: Rinaldo PC

221

Montado Digitalmente em / Final Cut Pro
com Cinema Tools

Músicas

“Beat Acelerado” / (Yann Lao/Vicente França/
Alec Haiat)

Editora: EMI Songs do Brasil

Interpretada por / Luiza Caspary

“Vila do meio dia” / (Alexandre Kumpinski)

Interpretada por / Apanhador Só

“Senhor da Dança” / (Nenung)

Interpretada por / Os The Darma Lovers

Editora: Humaitá

“Três Coroas” / (Nenung)

Interpretada por / Os The Darma Lovers

Editora: Humaitá

“Long Plays” / (Pedro Metz e João Amaro)

Interpretada por / Pública

222

Patrocínio

BNDES

PETROBRÁS

BRASKEM/COPEL

ANCINE

BANRISUL CORRETORA

BANRISUL

BANRISUL CONSÓRCIOS

ENY CALÇADOS

PILLA CORRETORA

CORRETORA GERAL

Casa de Cinema de Porto Alegre

www.casacinepoa.com.br

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Apresentação – Marcelo Carneiro da Cunha	11
Que História Contar e como Contar?	15
<i>Antes que o Mundo Acabe</i>	23
Ficha Técnica	213

Crédito das Fotografias

Fotos de Fabio Del Re

A despeito dos esforços de pesquisa empreendidos pela Editora para identificar a autoria das fotos expostas nesta obra, parte delas não é de autoria conhecida de seus organizadores.

Agradecemos o envio ou comunicação de toda informação relativa à autoria e/ou a outros dados que porventura estejam incompletos, para que sejam devidamente creditados.

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Naves

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schwarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal
Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos
Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical
Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio
Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação
Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim
Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia
Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral
Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício
Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão
Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito
Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada
Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílabas

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

***O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo
Clássicos***

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredo – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro e Eu Não Sei Ler

Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavaleiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos Musicais

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

***Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias
Gomes – História de um Personagem Larapista e
Maquiavelento***

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movidinha pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

***Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem
Indignado***

Djalma Limongi Batista

© **imprensaoficial** 2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Azevedo, Ana Luiza

Antes que o mundo acabe / roteiro Ana Luiza Azevedo ... [et al.]; produção executiva Luciana Tomasi, Nora Goulart; direção Ana Luiza Azevedo – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

248p. : Il. – (Coleção Aplauso. Série cinema Brasil / Coordenador geral Rubens Ewald Filho).

Filme da Casa de Cinema de Porto Alegre. Adaptação do romance homônimo de Marcelo Carneiro da Cunha.

Outros roteiristas: Giba Assis Brasil, Jorge furtado, Paulo Halm

ISBN 978-85-7060-939-7

1. Cinema — Roteiros 2. Filmes brasileiros — História e crítica 3. Antes que o mundo acabe (Filme cinematográfico) 4. Tomasi, Luciana 6. Goulart, Nora I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791.437 098 1

Índices para catálogo sistemático:

1. Filmes cinematográficos : Roteiros : Arte 791.437 098 1
2. Roteiros cinematográficos : Filmes brasileiros : Arte 791.437 098 1

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Cinema Brasil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Marilena Villavoy Aline Navarro
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 248

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

Este foi o filme premiado como melhor figurino, direção de arte, direção, trilha musical e fotografia do II Festival de Paulínia em 2009. Uma produção da Casa de Cinema de Porto Alegre e o primeiro longa-metragem de uma consagrada diretora de curtas, Ana Luiza Azevedo. Foi também ela quem escreveu o roteiro ao lado de Paulo Halm (*Olhos Azuis*), baseado numa novela infantojuvenil homônima do escritor gaúcho Marcelo Carneiro da Cunha, que já vendeu mais de 50 mil exemplares. A história gira em torno de um garoto de 15 anos chamado Daniel /Pedro Tergolina, seus problemas com um amigo acusado de roubo, uma namorada incerta e o pai que não vê há 15 anos tudo narrado de maneira crítica pela irmã mais nova do herói. É a história de um reencontro de pai com filho, de um rito de passagem, a descoberta de que o mundo é muito maior do que se pensa, ainda mais quando somos adolescentes. A história se passa numa cidadezinha fictícia do Rio Grande do Sul, que lhe dá um clima romântico e campestre, mais fotogênico, romântico e alegre. Todo ou quase todo o elenco é amador, novato e descoberto por testes mas isso em nada compromete o resultado. Ao contrário lhe dá maior charme. Uma delícia de história e filme, que vocês vão reencontrar ou conhecer nesta edição da **Coleção Aplauso** no seu trabalho de resgate e preservação da memória cultural do Brasil.

Capa: ilustração a partir de foto de Fabio Del Re

ISBN 978-85-7060-939-7



9 788570 609397